



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

ANDRÉ FILIPE SEQUEIRA DA SILVA

**O Anúncio Messiânico na Primeira Carta aos
Coríntios**

Dissertação Final de Mestrado
sob orientação de:
Professor Doutor João Duarte Lourenço

Lisboa
2012

O anúncio messiânico na Primeira Carta aos Coríntios

André Filipe Sequeira da Silva

Orientador Professor Doutor João Duarte Lourenço

Universidade Católica

2012

RESUMO

O anúncio messiânico na primeira carta aos Coríntios é o tema deste trabalho de dissertação. A pesquisa divide-se em três capítulos. O primeiro capítulo retratará o contexto biográfico de S. Paulo, o segundo o índice da primeira carta aos Coríntios e a sua teologia e o terceiro o «anúncio messiânico» nessa mesma carta. Destacamos o papel actual de S. Paulo, o seu grau de humanidade e a profunda capacidade de tolerância e perdão no entendimento da fragilidade humana.

ÍNDICE

Índice	p. 5
Abreviaturas e Siglas	P. 7
Introdução	P. 8
Capitulo I - Contexto biográfico	
1. Contexto biográfico	
1.1.O seu nascimento e educação	p. 11
1.2.Conversão de Paulo	p. 13
2. O mundo de Paulo	p. 14
3. O espaço cultural das comunidades paulinas	P. 18
4. Ruptura entre o judaísmo e o cristianismo de influência paulina.....	p. 26
Capitulo II - O Conteúdo da 1 Cor e a sua teologia	
1. Contexto em que surge a carta	P. 30
2. Estrutura da 1 Cor	P. 33
3. Os remetentes da carta	P. 35
4. Os destinatários da carta.....	P. 36
5. A teologia da carta	
5.1.Saudações	P. 36
5.2.Os diferentes partidos dentro da Igreja	P. 37

5.3.Exemplos de imoralidade -----	p. 37
5.4. A ida a tribunal -----	P. 38
5.5.O ensino sobre o casamento -----	p. 38
5.6.Carne oferecida aos ídolos-----	P. 41
5.7.Irregularidade dos cultos -----	P. 41
5.8.Dons espirituais -----	P. 42
5.9.Ensino sobre a ressurreição dos mortos -----	p. 42
Capitulo III - O anúncio messiânico na 1ª Carta aos Coríntios	
1. Os núcleos temáticos -----	p. 45
1.1.A Ressurreição - fundamento do anúncio messiânico -----	p. 45
1.2. Antropologia de Paulo -----	p. 54
1.3. Liberdade e Amor - uma ética paulina? -----	p. 57
1.4. A escatologia paulina -----	p. 59
2. Em que consiste o anúncio?-----	p. 62
3. Como é que Paulo faz o anúncio à Comunidade?-----	p. 67
4. Como se contrapõe o anúncio à “Pax Romana”? - -----	p. 71
5. As implicações do anúncio na Comunidade-----	P. 76
Conclusão -----	P. 81
Bibliografia -----	P. 84
Agradecimentos -----	p. 88

Abreviaturas e Siglas

Da Sagrada escritura

Act - Actos dos Apóstolos
1 Cor - 1ª Carta aos Coríntios
2 Cor - 2ª Carta aos Coríntios
2 Tm - 2ª Carta a Timóteo
1 Ts - 1ª Carta aos Tessalonicenses
Fl - Carta aos Filipenses
Gl - Carta aos Gálatas
Gn - Génesis
Jo - Evangelho de S. João
Lc - Evangelho de S. Lucas
Mc - Evangelho de S. Marcos
Mt - Evangelho de S. Mateus
Rm - Carta aos Romanos

De carácter geral

a.c. - Antes de Cristo
cf. - Conferir
d.c. - Depois de Cristo
op. cit. - Obra citada
s (ss) - Seguinte (seguintes)
v (vv) - Versículo (versículos)
CECH.FCT - Departamento de Psicologia e Estudos Humanísticos, Fundação
Ciência e Tecnologia
RJH IV - Revista Jesus Histórico

Introdução

O tema escolhido da tese de Mestrado foi o “Anuncio Messiânico na primeira carta aos Coríntios”. Esta escolha acontece pela grande admiração que sinto por esta figura extraordinária da Igreja, por todos os ensinamentos que nos deixou e por julgar que faria parte da minha aprendizagem como pastor analisar mais profundamente os grandes feitos deste homem.

A grande questão de partida e que norteou a investigação foi a seguinte: como é que S. Paulo pretendia provar pelas escrituras que Jesus era o Messias e como explicar o anúncio da Igreja como comunidade messiânica e promessa do reino definitivo de Deus. Os objectivos fundamentais desta pesquisa passam por analisar a biografia de Paulo, desde o nascimento até à conversão, para podermos entender como surge a 1ª carta aos Coríntios e a teologia da mesma.

A metodologia que considerei mais acertada para este trabalho foi a análise documental, apoiada pelas aulas ao longo do seminário de acompanhamento, mas também pelas reuniões e reflexões conjuntas com o meu orientador. Os seus conselhos foram fundamentais para a reflexão aqui apresentada.

Para mim, a descoberta da leitura e análise da obra e da vida de S. Paulo permitiu-me descobrir um olhar diferente sobre a sua grandeza como ser humano, mas também me facultou reflectir sobre mim como individuo, a minha relação com o outro e com Deus e como futuro profissional. Por outro lado, possibilitou também uma análise de todo o percurso como estudante na Universidade Católica, os colegas que conheci, os docentes com quem contactei e que todos juntos partilharam algo de si e me auxiliaram de diversas formas. Sinto que hoje estou mais atento, mais reflexivo, mais compreensivo e pronto para os desafios que a vida me propõe.

Escolhi para tema deste trabalho de investigação a personagem emblemática Paulo de Tarso, por ser uma das fontes mais significativas da doutrina da Igreja primitiva, que contribuiu de uma forma decisiva para o

desenvolvimento do cristianismo. A sua palavra continua actual e a ter impacto, permitindo-nos reflectir sobre a sua conversão e a sua missão evangelizadora entre os não crentes como uma acção que pode ter lugar nos tempos modernos. A conversão de Paulo, que podemos ler no 1º capítulo, tocou-me profundamente pelo ensinamento que proporciona, pela força e esperança que transmite e que devemos fazer nossa, porque é sempre possível mudarmos e tornarmo-nos um ser humano melhor.

Sabemos que a paz está no centro da pregação de Jesus. A vida de Jesus está profundamente relacionada com a paz e o seu nascimento é interpretado como o cumprimento da promessa de paz para a humanidade; os encontros com os seus discípulos, bem como a sua morte na cruz e a sua ressurreição estão relacionados com o estabelecimento da paz reconciliadora. Mas não basta apenas constatar o facto de a paz estar presente na pregação e na vida de Jesus. A questão principal para mim, como estudioso e como pastor, é perceber como ela se articula com o Messianismo e como S. Paulo, grande obreiro desse espírito de continuidade com a paz em Cristo, faz o anúncio à comunidade.

Relativamente à bibliografia, considere que esta deveria ser diversificada e actual. Destaco algumas referências de autores que considero fundamentais dentro do trabalho realizado: Becker, Brunot, Comblin, Fitzmyer, Gamble e Holmberg, Murphy, Vidal, entre outros.

Dividi a investigação em três capítulos. No 1º analisei o contexto biográfico de Paulo, subdividindo-o em diversos temas como: o nascimento e educação, a conversão, o mundo de Paulo, o mundo (espaço cultural) das comunidades paulinas, ruptura entre o judaísmo e o cristianismo de influência paulina. O 2º Capítulo, Índice da 1ª Cor e a sua teologia, subdividi-o em cinco partes: o contexto em que surge a Carta, estrutura da 1ª Carta aos Coríntios, os remetentes da carta, os destinatários da Carta, a Teologia da Carta. O 3º Capítulo, o «anúncio messiânico» na 1ª Cor; dividi-o em cinco partes: os núcleos temáticos, em que consiste o anúncio, como é que Paulo faz o anúncio à Comunidade, como se contrapõe o Anúncio à Pax Romana, as

implicações do Anúncio na Comunidade. As abreviaturas bíblicas usadas estão em consonância com a Bíblia sagrada da difusora Bíblica.

1º CAPÍTULO

1- Contexto biográfico

Paulo de Tarso foi um discípulo de Jesus de singular importância para a Igreja primitiva. Calcula-se que Paulo vivesse em Jerusalém no final do período da vida de Jesus. Porém, em nenhuma das cartas se fala de que O tenha visto ou escutado pessoalmente. Foi confiada a Paulo a missão de levar a Palavra do Evangelho aos gentios, pelo que é designado o apóstolo dos gentios³.

Paulo de Tarso foi uma das fontes significativas da doutrina da Igreja primitiva, tendo contribuído de forma decisiva para o desenvolvimento do cristianismo. Os escritos paulinos foram elaborados no princípio dos anos 50⁴, sendo os mais antigos do Novo Testamento. A sua conversão e a sua missão evangelizadora entre os não crentes perturbaram a comunidade judaico-cristã clássica, abrindo as fronteiras do cristianismo a todos os povos e raças.

1.1.O seu nascimento e educação

Paulo nasceu entre os anos 5 a 10 d.c.⁵ na cidade grega de Tarso, localizada na região da Cilícia (Act 21,39), na costa da Ásia Menor, actual Turquia. Tarso transformou-se num centro famoso, uma cidade com fortes influências da cultura grega, sobretudo de “filosofia estóica”. Os habitantes de Tarso eram apaixonados pela sabedoria, tendo nascido aqui diversas escolas de filosofia semelhantes às das cidades de Atenas, de Alexandria e de outras cidades conhecidas⁶.

³ Cf. J. CARVALHO, “As comunidades de Paulo”, *Itinerarium*, LV (2009), 35.

⁴ Cf. L.CERFAUX, *Itinerário Espiritual de S. Paulo*, trad. Artur Lemos de Azevedo, Livraria Sampedro Editora, Lisboa, 1969, 9.

⁵ Cf. A. J. RAMOS, “Paulo de Tarso. Um itinerário histórico”, *Estudos Teológicos*, XIV (2010), 5.

⁶ Cf. *Ibidem*, 24-25.

Da família, Paulo recebeu a influência das culturas helenista e judia. A cidade tinha-lhe concedido a cidadania romana⁷. Os seus pais eram hebreus e descendentes da tribo de Benjamim, razão pela qual lhe deram o nome hebreu Saul (Saulo) em memória do rei Saul (Fl 3,5), que também tinha sido da mesma tribo. Seu pai tinha a cidadania romana (Act 22,26-28) e a sua família distinguia-se por uma religiosidade tradicional (2Tm 1,3), muito ligada às tradições farisaicas. (Fl 3-5-6)⁸.

A vida em Tarso marcou profundamente o espírito de Paulo, como se vê reflectido nas suas cartas. Paulo foi um apaixonado da cidade, da sociedade, do direito e, sobretudo, dos jogos de estádio e de disciplina militar. Cresceu no meio espiritual do mais puro judaísmo. Era rabino da escola de Gamaliel, homem da literatura, da lei, ao contrário de Jesus que fazia parte dos “pobres de lavé”. Como todos os rabinos e discípulos, era temível nas suas discussões! Cheio de confiança farisaica, dotado de um excelente grau de cultura, capacidade intelectual e com uma vontade férrea, confessa ser “em extremo zeloso das minhas tradições paternas” (Gl 1,14). O carácter precoce e impaciente de Paulo reflecte-se na forma de denunciar e combater as “ideias” do seu contemporâneo, Jesus de Nazaré⁹.

Mais tarde, depois da sua conversão, Saulo adoptou o nome latino de *Paulus* (Paulo), que utilizou sempre no apostolado entre os gentios. Ser cidadão de Tarso e de Roma era uma fonte de orgulho, pois entre todas as famílias judias que viviam na diáspora, poucas tinham tais privilégios civis¹⁰. Aos 12 anos de idade, talvez acompanhado da sua família, Saulo desloca-se a Jerusalém, onde estudou o judaísmo na escola do famoso rabino Gamaliel (Act 22, 3), um dos principais Doutores da Lei do seu tempo¹¹. Irá unir-se ao grupo dos fariseus (Act 23,16ss). Em Jerusalém havia muitas sinagogas e nelas reuniam-se os judeus de língua grega. O livro dos Actos menciona sinagogas para os judeus de Cirene, Alexandria, Cilícia e Ásia (ou seja a região que

⁷ Cf. J. COMBLIN, *Pablo Apóstol de Jesu Cristo*, Tradução Juan Padilla Moreno, San Pablo, Madrid, 1996, 9-12.

⁸ Cf. J. LOURENÇO, “Duas culturas-Uma mesma fé”, *Itinerarium*, LV (2009), 20.

⁹ Cf. *Ibidem*, 21.

¹⁰ Cf. CERFAUX, *op.cit.*, 42-43.

¹¹ Cf. COMBLIN, *op. cit.*, 13-14

rodeava Éfeso). Como era de Tarso, Paulo frequentava a sinagoga da Cilícia. Vivendo num local privilegiado e tendo acesso ao contacto com pessoas de diversos locais, a sua aprendizagem da religião irá desenvolver-se com excelentes progressos, como refere quando escreve aos gálatas (Gl 1,14)¹²: “no judaísmo, eu superava todos os meus patrícios da minha geração em meu fervoroso zelo pelas tradições dos meus antepassados.” Enquanto estudava, o jovem Paulo aprendeu a fabricar tendas para financiar as despesas da sua educação (Act 18,3)¹³.

1.2. Conversão de Paulo

Depois da morte de Jesus, começaram a formar-se grupos de seguidores. Paulo foi um perseguidor dessas comunidades¹⁴. Começou por perseguir os cristãos de Jerusalém, entre eles, Estêvão, um dos chefes da igreja helenista em Jerusalém (Act 6;7;22,20). O Novo Testamento refere-se a Saul na execução de Estêvão, acusado de falar contra a Lei e de assegurar que Jesus destruíra o lugar Santo e mudara os costumes deixados por Moisés. (Act 6, 13-14). Para Paulo, essas palavras eram uma ameaça, pois tudo era considerado sagrado (Lei, o Templo, as tradições do povo)¹⁵; daí o cristianismo ser visto por ele como uma seita que proclamava como Messias um homem que tinha sido crucificado, nas palavras de Estêvão. Em Actos 8,1-3 é sublinhado o seguinte: «Nesse dia, desencadeou-se grave perseguição contra a igreja de Jerusalém, de modo que todos, excepto os apóstolos, se dispersaram pelo território da Judeia e Samaria...Saulo devastava a igreja, entrava nas casas, agarrava homens e mulheres que punha na prisão». E com excesso perseguia a Igreja de Deus (Gl 1,3)¹⁶. Paulo estava convencido de que

¹² Cf. *Ibidem*, 18

¹³ Cf. CERFAUX, op. cit.,18

¹⁴ *Ibidem*, 22.

¹⁵ Cf. *Ibidem*, 22.

¹⁶ Cf. R.BRUNOT, *São Paulo e a sua mensagem*, Livraria Editora Flamboyant, São Paulo, 2000, 22.

os cristãos desrespeitavam a Lei e o culto do Templo. Em nome da cultura judia e farisaica, odiava-os¹⁷.

A conversão de Paulo dá-se a caminho de Damasco. Conta ele que *“levado pelo intuito de perseguir os cristãos, indo ele a Damasco com o poder e comissão dos príncipes dos sacerdotes, ao meio-dia vi, ó rei, no caminho, uma luz do céu, mais resplandecente que o sol, a qual resplandeceu em volta de mim e dos que iam comigo. E, tendo todos nós caído por terra, ouvi uma voz que me dizia em língua hebraica: Saulo, Saulo, por que me persegues? Dura coisa te é recalcitrates contra o aguilhão. Então eu disse: Quem és tu, Senhor. E o Senhor: Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Mas levanta-te e põe-te em pé, porque eu te apareci para te constituir ministro e testemunho das coisas que viste e daquelas pelas quais eu apareci-te ainda mais vezes, livrando-te deste povo e dos Gentios, aos quais eu agora te envio a abrir-lhes os olhos, a fim de que se convertam das trevas à luz, e do poder de Satanás a Deus, para que recebam o perdão dos pecados e a herança entre os santos, mediante a fé que há em mim”* (Act 26,1-19).

2- O mundo de Paulo

Na obra de Paulo encontramos um cruzamento de três mundos e três culturas: primeiro, era hebreu de nascimento e de religião; em segundo lugar, expressava-se no seu idioma adoptando os modos do helenismo grego. Toda a sua actividade se coloca sempre no cenário helenista. Usa o grego com confiança e de uma forma pessoal. Conhece as formas da diatribe, as figuras da retórica contemporânea e revela, ao nível linguístico, criatividade. Em terceiro lugar, era um cidadão romano que se identificava fielmente com o contexto político do império. Segundo os Actos dos Apóstolos, enfrentou serenamente procônsules e procuradores romanos em Chipre, em Corinto, em Cesareia e reivindicou, com garantias jurídicas, que era cidadão romano desde o seu nascimento (Act 22, 28).

¹⁷Cf. *Ibidem*, 32-33.

Para conhecermos melhor S. Paulo e a sua mensagem, é necessário relembrar o que dissemos anteriormente, que ele cresceu num meio muito heterogéneo e cosmopolita, onde várias culturas sofreram uma fusão. Paulo foi desde as suas origens um homem pertencente a dois universos culturais; por um lado, recebeu como herança familiar o judaísmo; por outro, foi resultado do espaço multicultural onde cresceu e da educação que recebeu. A conjugação destes dois universos haveria de resultar na epopeia em que a sua vida se converteu.

A partir da conversão de Paulo, a Igreja primitiva ganhou uma outra dinâmica para a evangelização ultrapassando as fronteiras da Palestina. Ele é considerado um cristão modelo para todos os missionários, caracterizado como um homem incansável pela missão de Cristo. Nessas missões cruzaram-se, de forma natural e quase espontânea, diversos relatos, certamente recolhidos de fontes diversas, guardados pelas comunidades que ele evangelizara e que dele guardavam uma excelente memória. Portanto, para conhecermos bem o mundo de Paulo, quanto ao seu carácter e experiência, é importante analisarmos o livro dos Actos dos Apóstolos, documento onde se podem recolher informações muito significativas que incluem aspectos que dizem respeito à forma e às atitudes que conferia às comunidades e aos grupos sociais com quem ia contactando¹⁸.

Paulo pertencia ao mundo farisaico (de todos os grupos, este é aquele que realmente era mais respeitado) na sua dimensão religiosa (fiel cumpridor e zeloso da Lei), na sua ascendência estritamente judaica. “Sou judeu, natural de Tarso da Cilícia” (Act 22,3)¹⁹, declara ao comandante romano que lhe pede informações quando o prenderam em Jerusalém. Diz, assim, que pertence à diáspora hebraica espalhada pelo mundo helénico. Frente aos difamadores de Corinto que lhe questionam a autoridade apostólica e que discutem polemicamente a sua ascendência hebraica diz: “São hebreus? Eu também. São da linhagem de Abraão? Eu também”. (2 Cor 11,22) os Filipenses diz: “circuncidado ao oitavo dia, israelita de raça, da tribo de Benjamim,

¹⁸ Cf. LOURENÇO, op. cit., 21.

¹⁹ Cf. *Idem*, 20.

hebreu filho de hebreus; em relação à lei, fariseu” (Fl 3,5), dando depois ênfase ao novo estado que alcançou com Cristo²⁰.

Na carta aos romanos, aparece uma lúcida consciência teológica de pertencer por nascimento ao povo chamado por Deus para realizar o plano de salvação a favor da humanidade: «desejaria estar excluído da companhia do Messias. São Israelitas, adoptados como filhos de Deus, têm sua presença, as alianças, o culto, as promessas, os patriarcas; de sua linhagem segundo a carne descende o Messias. Seja para sempre bendito o Deus que está acima de tudo. Amém.» (Rm 9,3-5)²¹.

Mesmo convertido a Cristo, Paulo vive um clima espiritual hebraico. Por exemplo, quando fixava as datas, fazia-o de acordo com o calendário hebraico: «Estarei em Éfeso até ao Pentecostes.» (1Cor 16,8). Os Actos apresentam-no duas vezes envolvido com votos de nazierato: “Paulo permaneceu aí bastante. Depois, despediu-se dos irmãos e embarcou para a Síria em companhia de Priscila e Áquila. Em Cencreia cortou o cabelo para cumprir um voto. Ao chegar a Jerusalém, os irmãos receberam-nos contentes. No dia seguinte, fomos com Paulo visitar Tiago; apresentaram-se todos os anciãos. Depois de os saudar, expôs-lhes detalhadamente quanto Deus realizara por seu intermédio entre os pagãos. Ao ouvir isso, deram glória a Deus e disseram a Paulo: — Verás, irmão, quantos milhares de judeus se converteram à fé, todos praticantes da lei. Corre o boato de que aos judeus que vivem entre os pagãos ensinas a abandonar a lei de Moisés e dizes-lhes que não circuncidem os seus filhos nem sigam nossos costumes. O que fazer? Certamente ficarão a saber que chegaste. Pois bem, segue nosso conselho: há entre nós quatro homens que fizeram um voto. Vai purificar-te com eles, e paga os gastos para que rapem a cabeça; assim todos saberão que os boatos que correm a teu respeito não têm fundamento e que és judeu praticante da lei. Aos pagãos convertidos à fé comunicamos os nossos decretos sobre as vítimas idolátricas, o sangue, os animais estrangulados e a fornicção. No dia seguinte, Paulo tomou aqueles homens, purificou-se com eles e foi ao templo

²⁰ Cf. *Idem*, 20.

²¹ Cf. *Idem*, 20.

para avisar a data em que terminaria a purificação e levaria a oferenda para cada um deles (Act 18, 18; 21,17-26).

A Bíblia é o seu livro, usa-a e trata-a como fazem os rabinos, usando os seus métodos de leitura e de interpretação²². Em Tarso: «— Sou judeu de Tarso, cidadão de uma cidade nada desprezível.» (Act 21, 39)²³, que se encontrava, aliás, no auge do seu esplendor helénico e cosmopolita, terra natal do estoicismo. Paulo certamente conheceu este tipo de pensamento e assimilou os seus aspetos éticos, como o ideal da autossuficiência como revela a afirmação: «Não falo de indigência, pois aprendi a adaptar-me às necessidades.» (Fl 4,11). Aprendeu também os conteúdos filosófico-religiosos, como a transparência de Deus e do mundo: «Pois o que se pode conhecer de Deus lhe é manifesto, já que Deus se manifestou a eles. Desde a criação do mundo, a sua condição invisível, o seu poder e divindade eternos, tornam-se acessíveis à razão para as criaturas. Por isso, não têm desculpa.» (Rm 1,19-20).

Paulo é apresentado como o fiador da verdadeira tradição e da unidade do movimento cristão das origens. Por isso, é dado muito ênfase à relação de comunhão com os demais Apóstolos (Concílio de Jerusalém, a sua ligação à comunidade de Jerusalém, como se pode ver pela colecta que realiza em benefício da Igreja da Cidade Santa (Act 24, 17; Rm 15, 26) e as suas idas a Jerusalém, para se encontrar com Pedro e Tiago.

Em Filipenses (3, 4-6), vamos encontrar uma referência muito directa à sua infância e juventude, onde se define como um hebreu da Diáspora, mas da autêntica raça de Israel (não pagão convertido ao judaísmo, nem um prosélito), da tribo de Benjamim, que fora circuncidado ao 8º dia, conforme a Lei, de prática farisaica no que diz respeito aos procedimentos rituais na observância do credo judeu. Indica, ainda, uma outra realidade a que deu grande importância na sua juventude: perseguidor da Igreja²⁴.

²² Cf. 1Cor 10,1-10.

²³ Cf. LOURENÇO, op. cit.,20.

²⁴ Cf. LOURENÇO, op. cit., 22-23.

Paulo percorreu a Ásia Menor, atravessou todo o Mediterrâneo em quatro ou cinco viagens, tendo elaborado uma teologia cristã e, ao lado dos Evangelhos, as suas epístolas são fontes de todo pensamento e vida cristãs. Além das grandes viagens apostólicas e das prisões e sofrimentos por que passou, devemos-lhe o facto de ter sido "servo de Cristo", de ter revelado a mensagem do Salvador, através das treze epístolas ou cartas. Elas formam a Teologia do Novo Testamento, exposta por um só Apóstolo.

Paulo é prendado com uma missão, a de ir ao encontro das populações para anunciar Cristo e o seu Evangelho, tendo mostrado que, para ele, viver é Cristo e ser de Cristo é uma honra. "Conhecer as viagens de Paulo significa entrar um pouco no mundo que ele percorreu, não apenas nas distâncias feitas, mas também na diversidade cultural e social com que contactou e nas comunidades, ora judias ora gregas, às quais dirigiu a sua mensagem e onde demorou, por vezes, largos períodos de tempo".²⁵

Paulo não foi apenas um missionário; ele foi também um profundo conhecedor das populações com que contactou. "Podemos dizer que é o grande Apóstolo aberto à diversidade e pluralidade cultural e que faz desta um instrumento para a evangelização. Ele é um homem da multiculturalidade e da complementaridade cultural, capaz também de se adaptar à diversidade climática, passando do rigor do inverno ao tórrido calor do verão"²⁶.

3- O espaço cultural das comunidades paulinas

Por tudo aquilo que Paulo fez no âmbito da evangelização, ganhou o título de apóstolos dos gentios. Ele é o primeiro a universalizar a mensagem do Amor de Cristo, tornando o Evangelho sem fronteiras, luz para quem aceitar esse projecto para uma vida nova.

São Paulo formou as suas comunidades com o alicerce da fé, ou seja, inculturando a fé no seio da cultura envolvente para retraduzir a mensagem do Evangelho num outro registo linguístico e cultural. Só alguém com uma

²⁵ Cf. *Ibidem*, 33.

²⁶ Cf. *Ibidem*, 33.

grande capacidade cultural estava em condições favoráveis para levar a cabo essa tarefa sob a assistência inspiradora do Espírito Santo, de cuja acção os seus textos escritos são uma expressão.

Quando falamos de comunidade de Paulo, evocamos as comunidades que ele próprio fundou, ou as comunidades às quais escreveu ou inquiriu no registo epistolar próprio do género literário da cultura clássica. Mas, ao falar a respeito das comunidades paulinas, levanta-se a questão: as comunidades são de Paulo ou de Cristo, ou se quisermos, de outras entidades da época? Essas comunidades são do passado, do presente ou do futuro? Como era a relação entre Paulo e a sua comunidade: eram unidos no ensino e na fracção do pão? É uma comunidade onde os homens vivem comprometidos pela fé e vivem o Evangelho de Cristo²⁷.

As primeiras comunidades eram constituídas por vários colaboradores, existindo o contributo da comunhão entre todos nos vários serviços. Os seus colaboradores são os “*ergutai*” (os operadores, os operários de 2 Cor 11,23; Fl 3,2). Ser colaborador de Paulo implica um rigor extraordinário no anúncio de Cristo; são objecto do seu cuidado a ponto de pedir à comunidade de Corinto (em 1 Cor 4, 1) que olhe para os seus membros cooperantes, como ele, dependentes de Cristo, como “remadores” de Cristo e como administradores do Evangelho²⁸.

Naquele universo, procurava-se fortemente evitar os chamados cultos humanos ou cultos da figura humana, bem como a idolatria. Paulo coloca toda a força e resistência para que tal prática não quebrasse a harmonia da fé no Deus de Jesus Cristo. Podemos observar esta questão na comunidade de Tessalónica, fundada por Paulo na sua segunda viagem missionária. Esta comunidade é composta por cristãos não judeus e, como vemos, Paulo insiste na oposição aos ídolos: “*convertestes-vos dos ídolos a Deus...*” (1Ts 1,9). Preocupa-se com a perseverança na fé dos membros desta comunidade. Por isso envia o seu colaborador Timóteo para saber notícias e ver de que é que a comunidade precisava, procurando resolver os seus problemas, sempre dando

²⁷ Cf. CARVALHO, op. cit., 35-36

²⁸ Cf. *Ibidem*, 37-38.

força e coragem, lembrando que o Senhor Jesus está perto dela e é a sua principal divisa.

A comunidade de Corinto foi a que Paulo mais amou, mas também a que mais o entristeceu. A cidade de Corinto era uma das mais emblemáticas da cultura envolvente do Evangelho e trazia muitas dificuldades à evangelização. Centro da última resistência grega contra Roma, foi completamente destruída em 146 a.C. Um século mais tarde, César ordenou a reconstrução da cidade. Inicialmente povoada por libertos e por veteranos de guerra, desenvolveu-se muito rapidamente e tornou-se uma das cidades mais brilhantes e prósperas da Grécia. Era o centro da cultura grega, onde se defrontavam correntes de pensamento e de religião muito diversas. Naquela grande cidade artística e portuária, a comunidade cristã, originariamente greco-latina, era formada por muitos escravos e homens livres, (1Cor 1, 26; 7, 20-24). Era heterogênea e por isso exigia mais dos pregadores e evangelizadores, num mundo onde pululavam e viviam várias crenças, onde alguns acreditavam na ressurreição (1Cor 15), outros tomavam parte em banquetes indecorosos, outros mais intransigentes queriam impor uma moral austera estóica obrigando praticamente os esposos cristãos à abstinência sexual ou denegrindo o matrimônio. Toda esta atmosfera contribuiu para que a vida de Corinto fosse um desafio à evangelização.

Paulo refere sobre a composição social de Corinto o seguinte: “Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar os fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus” (1 Cor 1, 26-29). Paulo faz menção de três categorias de pessoas: sábios, poderosos e nobres de nascimento; a essas categorias, o apóstolo contrapõe termos como coisas loucas, coisas fracas e coisas humildes, desprezadas, aquelas que não são. Paulo e seus seguidores estavam entre os pobres, aqueles que constantemente lutavam pela sobrevivência

física. Essas comunidades praticavam a interajuda, mencionada várias vezes na literatura paulina. O grupo predominante na igreja coríntia era formado por pagãos de diversos graus do meio da escala social. Segundo ele, só faltavam os grandes magnatas e os escravos do campo nessa escala. Os judeus eram uma minoria, mas pelo menos dois (Crispo e Sóstenes) destacavam-se no grupo.²⁹

Paulo reivindicava ter sido o primeiro a trazer o culto cristão a Corinto (1 Cor 3, 6; 2 Cor 10, 14). Atraído pelo tamanho e importância da cidade, bem como pela sua localização geográfica, investiu no projeto de fundar uma igreja forte que, através das conexões comerciais, asseguraria a rápida propagação da nova religião. A presença em Corinto de uma importante comunidade judaica favoreceu Paulo ao entrar na cidade começando as suas pregações na sinagoga. A sua permanência em Corinto foi de dezoito meses (Act 18, 11).

A comunidade de Filipos era totalmente diferente da de Corinto. Era uma sociedade solidária que tinha apoiado mais Paulo nas despesas exigidas pela missão (Fl 4, 16; 2 Cor 11, 9). Pelo seu exemplo, veio a ser o protótipo da igreja solidária, pois auxiliava abundantemente os mais pobres. Filipos era uma comunidade que já pressentia as dificuldades com os judaizantes e com a diferença de cultura. Filipos foi a primeira cidade europeia a receber a mensagem cristã (Act 16, 6-40). Paulo chegou na Primavera do ano 50, durante a segunda viagem missionária. O primeiro núcleo da comunidade por ele fundado formou-se através de reuniões em casa de Lídia, uma negociante de púrpura que acolhera Paulo. O Apóstolo voltou a Filipos diversas vezes, durante as suas várias passagens pela Macedónia. Os cristãos de Filipos foram sempre os mais ligados ao Apóstolo. A carta aos Filipenses foi escrita na prisão, provavelmente em Éfeso, entre os anos 55-57 (Act 19). Paulo estava incerto sobre o rumo que a sua situação iria tomar: poderá ser morto ou posto em liberdade. Mas espera ser libertado e poder visitar de novo, pessoalmente, a comunidade de Filipos. Paulo demonstrou gratidão pela comunidade de Filipos e, por isso, quer vê-la sempre fiel ao Evangelho.

²⁹ Cf J. MURPHY, *Paulo: Biografia Crítica*, Edições Loyola, 2000, 279.

Alguns pregadores insistem em que a salvação depende da Lei. O Apóstolo mostrou que a salvação só depende de Jesus Cristo, feito homem e morto numa cruz, pelo que recebeu do Pai o poder de dar aos homens a salvação. Todo aquele que não transmite isto pelo testemunho de vida e pela palavra será sempre um falso transmissor do Evangelho. Esta carta, portanto, fornece o critério para que uma comunidade cristã saiba reconhecer o verdadeiro Evangelho e quais são os pregadores autênticos.

Redigida em Corinto no Inverno de 50-51, a Carta aos Tessalonicenses é o primeiro documento escrito do Novo Testamento. Afectado pela perseguição, Paulo teve que deixar à pressa a cidade de Filipos. Dirigiu-se a Tessalónica (Act 16,19-40), grande cidade comercial e ponto de encontro para muitos pensadores e pregadores das mais diversas filosofias e religiões. Paulo anuncia o Evangelho e criou aí um pequeno grupo. Mas, perseguido, foi obrigado a fugir (Act 17,1-10). De Atenas, ele enviou os seus colaboradores, Timóteo e Silas, para visitarem e trazerem notícias dessa comunidade perseguida. Timóteo e Silas encontram Paulo em Corinto. Ao receber deles a notícia de que a comunidade de Tessalónica continuava activa, escreveu uma carta para comunicar a sua alegria e estimular a perseverança da comunidade, procurando também responder a algumas questões que preocupavam a comunidade de Tessalónica, como o problema da vinda gloriosa de Cristo. Paulo mostrou que, no fim da História, tanto os mortos como os vivos estarão reunidos para viverem sempre com Cristo ressuscitado. A esperança é para todos.

Os Gálatas são os habitantes da Galácia, uma região do centro norte da Turquia, onde, quando Paulo escreve esta carta, já existiam várias Igrejas ou comunidades (v. 2). O Apóstolo escreve esta carta para expressar o seu descontentamento pelo facto de alguns dos membros das comunidades aderirem a doutrinas judaizantes, que não correspondem ao evangelho que ele lhes havia pregado. Os gálatas, antes de aderirem ao evangelho, eram, na sua maioria, pagãos. Por isso, não havia razão para agora se circuncidarem ou observarem a Lei. Para Paulo, eles não se converteram ao judaísmo, mas a Cristo. A carta terá sido escrita entre 53-54, enquanto Paulo estava na

Macedónia. O interesse da carta é sobretudo doutrinal; contudo, tem muita informação acerca da pessoa de Paulo.

A Carta aos Romanos, escrita possivelmente nos anos 54-55, posterior à dos Gálatas, é um tratado de precisão que revela bem o génio mobilizador do Apóstolo. Os adversários não são nomeados, mas não estão menos presentes por isso. Em Gálatas e Romanos trata-se da mesma crise abordada de diferentes lados, sublinhando que um «dia» estaremos com o Senhor, mas é preciso viver desde agora «n'Ele»: Eu vivo, mas não eu, quem vive é Cristo em mim (Gl 2, 20).

Além das comunidades já citadas, tínhamos a comunidade de Atenas, lugar de passagem obrigatória enquanto centro da cultura e uma das grandes cidades clássicas conhecida por cidade dos sábios (berço da filosofia). Por isso, era decisivo para os planos de Paulo a evangelização daquela cidade, apesar de ser muito exigente. Paulo começou pelo grande areópago, palco de um mercado de salvação, várias “boas notícias” e uma cultura filosoficamente marcada pelas propostas epicurista e estóica. Aos epicuristas, com a sua doutrina ética do viver afastado dos deuses, os estóicos contrapunham outra doutrina que considerava que o divino tem uma função no mundo. A própria divindade intervém no mundo para assegurar o necessário aos seres vivos. Por isso, os autores cristãos neste ambiente defenderão o valor do discurso filosófico sobre o divino para lá das superstições ou das mitologias poéticas. Portanto, são condenadas as bruxarias, o misticismo, a magia, as mitologias poéticas.

O povo ateniense era politeísta. Nessa indiferença e crença em vários deuses, competia a Paulo compreender essa religiosidade para poder evangelizar com prudência e demonstrar o valor da fé cristã. Apesar de muitas resistências, o Apóstolo apresentava sempre Cristo. Mesmo tendo aderido à fé, ocorria uma grande tentação de sincretismo religioso que diluía a figura de Cristo em algo difuso e intermédio entre a religião pagã e a religião de Cristo. Esta situação provocava grandes divisões em comunidades como as de Colossos e de Éfeso. Assim, Paulo vê-se na necessidade de chamar a atenção para a unidade da fé, perante a tensão entre vários grupos étnicos.

Paulo apela à unidade nessas comunidades mostrando que só viverão como filhos de Deus, se viverem em harmonia e em união fraterna. Assim serão chamadas comunidades de fé, onde Deus é o Senhor e cabeça de cada cristão comprometido. Guiada pelo Espírito do Pentecostes, cada comunidade vai sendo espaço do trabalho por vezes sútil e invisível (mas eficaz) que vai tentando ultrapassar os conflitos entre gregos e hebreus, entre helenistas e judeus, entre as diversas sensibilidades que compõem a comunidade, esse corpo heterogêneo com vários grupos sociais³⁰. As situações e os contornos de vários grupos do movimento cristão primitivo, que irão mudando à medida que o movimento se desenvolve, afectaram as formas de os cristãos interpretarem os seus compromissos morais. Não só no que podiam fazer, mas também na percepção do que se devia fazer, dependiam até certo ponto dos lugares em que se encontravam, na diferenciada sociedade do império romano. O número de deveres e possibilidades não era o mesmo, por exemplo, para um aldeão judeu respondendo a um profeta itinerante do Messias que para o dependente de um chefe de família abastado em Corinto, cuja casa se tornara local de "reuniões" cristãs.

O mundo das comunidades paulinas é, como se observou, muito heterogêneo, uma vez que a sociedade tem à disposição os cultos místéricos das grandes divindades do Egipto e da Pérsia, lá bem longe no Oriente (*Osiris, Isis, Eleusis e Mithra*) e *Artemis* em Éfeso, que chegaram até ao grande teatro de Éfeso. No mundo judaico da diáspora assiste-se já à crítica ao particularismo da Lei dentro do próprio judaísmo. Nesse sentido, o judaísmo ajuda a viver uma apocalíptica ecuménica (apresenta um certo universalismo com abertura ao mundo helenístico). Por isso, as comunidades paulinas estão abertas à cultura do seu tempo tendo sempre como base a inculturação da fé no mundo helénico. Neste contexto, Paulo não foge às dificuldades dos jogos de linguagem para falar de Jesus e que correm o risco de desvirtuar o verdadeiro conceito do "Messias". Mesmo assim, ele não deixa de anunciar Cristo como o verdadeiro Filho do Deus Altíssimo, sabendo que era algo difícil

³⁰ Cf. *Ibidem*, 42-44.

no contexto greco-romano. Daí a necessidade de confronto teórico e doutrinal com outras correntes filosóficas do mundo greco-latino.

As comunidades paulinas (por exemplo, Colossos, Corinto e Éfeso), nessa circunstância, passam por períodos difíceis, onde se convive com os relativismos e se padece do relaxamento moral. Toda a doutrina greco-romana ia contra os princípios paulinos. Por exemplo, para os epicuristas a vida termina com a morte. A morte é apenas o momento de conclusão de um processo biológico. Daí decorre que não há nada a esperar para além da morte. Então, resta apenas aproveitar ao máximo as possibilidades do tempo presente. A comunidade de Corinto tem este ideário de vida muito presente, tal como a comunidade de Tessalónica e outras cidades do mundo ático.

Paulo lutou contra esses cenários das comunidades fundadas na Península Balcânica, convidando-as a afastarem-se dos actos pecaminosos que corrompem o homem e a sua relação com Deus.

A cidade de Corinto estava marcada pela filosofia popular, pelo ideário grego das correntes não cristãs romano-helenistas, e pela distorção da corrente jesuânica transmitida pelo próprio Paulo. Toda essa indiferença trazia graves problemas para a vida em sociedade e para a própria fé das comunidades paulinas.

Em suma, o mundo cultural que envolvia as comunidades de Paulo é amplamente complexo e problemático, onde os valores morais são usurpados pelo prazer e relativismo. Contudo, Paulo aposta fortemente na evangelização, sabendo que essas mesmas comunidades, apesar do relativismo a que estavam sujeitas naquele mundo, eram vivas, viviam do perdão e da fundamentação da fé. Foi assim que a Palavra de Deus se impôs e difundiu por toda a Europa³¹.

³¹ Cf. *Ibidem*, 45-50.

4- Ruptura entre o judaísmo e o cristianismo de influência paulina

A ruptura entre o judaísmo e o cristianismo contribuiu para a estabilidade do cristianismo e para a boa vivência da fé em Cristo com o Novo Testamento no centro normativo da vida dos crentes.

Essa ruptura foi suscitada sobretudo pelos helenistas. Quem são os helenistas? São aqueles de língua grega, pois a palavra helenista vem do verbo grego *hellenizein* que provavelmente tem o significado linguístico de falar correctamente o grego, e só mais tarde significará viver ao modo grego, ou seja, todos aqueles judeus da diáspora convertidos ao cristianismo. Os hebreus cristãos, ao contrário, são judeus da Palestina ou relacionados com essa região, cuja língua materna era o aramaico (Fl 3, 5; 2 Cor 11, 22)³². Os judeus gregos tinham sinagogas próprias em Jerusalém, sendo natural portanto, que, convertidos ao cristianismo, e tendo em conta a barreira linguística, permanecessem reunidos em comunidade própria. Esta barreira linguística manifestava-se sobretudo nas celebrações litúrgicas, o que muitas vezes levava a celebrar a liturgia em grupos separados. Uma das outras diferenças tinha a ver com atenção aos mais pobres, o que levou a que vivessem independentes³³.

Os sete escolhidos para diáconos são todos, a julgar pelo nome, desta origem helenista. Não sabemos muito sobre as suas pregações; sabemos, sim, que a sua palavra era comparável à dos apóstolos mas com novidades em relação a estes, pois atreviam-se a criticar a lei e o templo, o que entra em confronto com a corrente farisaica do judaísmo donde provêm Pedro e os apóstolos.³⁴ Claro que a perseguição feita a Estêvão não foi só feita ao grupo helenista cristão, mas sim a todos os cristãos de Jerusalém. Eram bem distintos os dois grupos e não poderiam responsabilizar um grupo pelas escolhas do outro, pois o grupo dos apóstolos, por exemplo, era mais agarrado às tradições do templo, ao contrário dos helenistas que, pela sua origem,

³² Cf. J. ROLOFF, *Hechos de los Apostoles*, Trad. J. Mateos e Alonso Schokel, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1994, 153.

³³ Cf. *Idem*, 153.

³⁴ Cf. *Ibidem*, 155.

foram habituados a viver quotidianamente sem templo e apenas com sinagoga³⁵. Uma das coisas que apontavam a Estêvão era o testemunho e o anúncio da destruição e reconstrução do Templo, que também aparece na paixão dos sinópticos: Mc 14, 58; 15, 29; Mt 26, 61; 27, 40. A origem do tema está no anúncio profético de Jesus que predizia a destruição do templo, talvez num contexto de purificação do santuário (Jo 2, 19). Jesus referia-se a Si próprio como templo e culto, e não ao templo material, pois tentou substituir o culto do templo pela presença salvífica de Deus, revelada na sua pessoa³⁶.

Na pregação de Estêvão, percebe-se mais uma diferença entre os helenistas cristãos e os cristãos de língua aramaica. Enquanto os helenistas têm uma pregação marcada por um verdadeiro entusiasmo escatológico, Pedro era mais conservador, acentuava a continuidade entre o acontecimento de Cristo e a precedente história de Salvação com as suas instituições³⁷. No relato dos Actos, Lucas, em relação aos Evangelhos, omite o anúncio da contemplação do novo templo e amplia o anúncio da destruição do templo com uma frase paralela sobre a lei— Jesus «mudará as tradições que recebemos de Moisés»— referindo-se assim à regulamentação legal das cerimónias que tinham lugar no Templo. O testemunho de Estêvão é, por isso, classificado como falso e tido como blasfémia. O martírio é visto como consequência da exaltação e entusiasmo com que pregava e dos seus grandes prodígios, frutos do Espírito Santo, o que fazia com que os membros das sinagogas da diáspora que havia em Jerusalém o hostilizassem e o tivessem levado à morte³⁸.

Quando Jesus expulsa os vendedores do templo, ou seja, quando purifica o Templo, defende os preceitos judaicos de santidade. Com a sua acção pretende dar cumprimento à lei e aos profetas e é visto como zelota cumpridor da lei e do culto.³⁹

³⁵ Cf. *Ibidem*, 154.

³⁶ Cf. *Ibidem*, 166.

³⁷ Cf. *Ibidem*, 164-174.

³⁸ Cf. *Ibidem*, 158

³⁹ Cf. J. RATZINGER, BENTO XVI, *Jesus de Nazaré, da entrada em Jerusalém até a Ressurreição*, Parte II, Principia, Cascais, 2011, 22.

O Evangelho de Jesus estava em plena expansão: quem acreditasse n'Ele, na sua morte e na sua ressurreição seria salvo. Paulo opunha-se e achou necessário parar com aquela corrente de homens propagandistas ignorantes, chamando-os de falsos judeus. À cólera, segue-se o ódio. Depois de várias disputas, Paulo, de boa-fé, lança-se à perseguição, conforme se vê em gérmen no martírio de S. Estêvão. Trata-se da glória de Deus e da salvação do próprio judaísmo. Pouco depois, age diretamente, torna-se o inimigo mais temido dos grupos cristãos em Jerusalém. Assolava a Igreja por toda a Judeia e Samaria, “entrava pelas casas, arrancava delas com violência homens e mulheres, e metia-os no cárcere” (Act 8,1-3), como mais tarde relembrou. (Gl 1,13).

Mas o encontro com Cristo na estrada de Damasco, na Síria, converteu-o radicalmente. Cego por um raio de luz resplandecente, caiu do cavalo ao ouvir a voz de Jesus que o mandou seguir para Damasco, onde lhe seria dito o que deveria fazer. Saulo esteve cego durante três dias até que um cristão chamado Ananias lhe restituiu a vista e o batizou. Porém, teve problemas em ser aceite pelos cristãos que por ele tinham sido perseguidos (Act 9, 26). Esperou pelo menos três anos para se apresentar (Gl 1, 17-18): “não consultei ninguém, nem fui a Jerusalém para ver os Apóstolos. Fui para a Arábia, voltei a Damasco. Três anos mais tarde fui a Jerusalém para conhecer Pedro; fiquei com ele quinze dias.”

A partir desta fase, Paulo começa a dar forma à vontade de expandir a Fé, através de três viagens missionárias cuidadosamente preparadas que abrangeram as populações da Síria, Ásia Menor, Chipre e Grécia. O seu trabalho seria registado nos Actos dos Apóstolos e nas suas epístolas, datando a mais antiga de cerca de 48.

S. Paulo acabou por ser acusado pelos chefes hebreus de provocar distúrbios em Jerusalém, sendo detido numa das suas visitas à cidade. Recorreu ao imperador de Roma, Nero, e de acordo com os direitos de um cidadão romano foi enviado para a capital do império para ser julgado. Condenado a ficar preso em casa durante dois anos, escreveria muitas epístolas. Não se sabe com precisão o que aconteceu, mas pensa-se que terá

sido decapitado por volta do ano de 64, em Roma, durante a perseguição de Nero aos cristãos.

Paulo nasceu de novo para a vida com Cristo. Jesus Cristo revelou-se-lhe no esplendor de sua divina presença. E a verdade resplandeceu subitamente no espírito do fariseu vencido. O caminho de Deus que aprendera a seguir desde a infância não era aquele pelo qual se dirigia cheio de paixões: estava fora do ideal farisaico. Era o do usurpador galileu. Jesus continua a ser o principal autor da ruptura entre o judaísmo e o cristianismo e Paulo é o principal testemunho deste acontecimento celeste em que o Ressuscitado triunfa. Paulo torna-se o profeta dos últimos tempos, encarregado de proclamar os mistérios que conhece e de levar os homens ao mundo do Espírito.

Paulo agora sabe quem é Cristo. Compreende que ele é Deus e a sua condição de existência é a da realidade divina. A sua natureza exprime-se e define-se por este título: ele é o Filho de Deus. Jesus é a salvação de todos: judeus e pagãos. Pela sua ressurreição, foi constituído na dignidade de Filho de Deus, recebeu uma soberania acima de todos os poderes do Céu e da terra; numa palavra, é o Senhor de todos e de todas as coisas. Em Paulo viu-se uma transformação completa. Aquele que ainda há pouco era para o fariseu motivo de horror e de ódio, transformou-se repentinamente no centro de sua dialéctica e do seu amor⁴⁰.

Paulo é o verdadeiro arauto de Cristo ressuscitado. Foi o próprio Cristo que o investiu nesse cargo: “porque Eu te apareci para te constituir ministro e testemunha das coisas, que viste e daquelas pelas quais eu te aparecerei ainda mais vezes” (Act 26, 16).

Ontem, a ideia principal de Paulo era a Lei: para garantir o seu reino e o seu triunfo, não hesitou em agitar o Sinédrio, em tornar-se inquisidor, policial, perseguidor, verdugo. Hoje, o seu pensamento, a sua única paixão, a sua “loucura” é o ressuscitado. Ele mesmo confirma tudo isto: “ai de mim se eu não pregar o Evangelho” (1 Cor 9,16)⁴¹.

⁴⁰ Cf. *Ibidem*, 28.

⁴¹ Cf. *Ibidem*, 30-31.

2º CAPITULO

Conteúdo da 1 Cor e a sua teologia

1- O Contexto em que surge a Carta

A cidade de Corinto era uma cidade rica e muito comercial, como já tivemos a oportunidade de sublinhar no capítulo anterior. Tinha mais de 500.000 habitantes, na maioria escravos. Nesse porto marítimo misturavam-se pessoas de todas as raças e religiões à procura de uma vida luxuosa, criando-se um ambiente de grande cosmopolitismo, mas também de imoralidade e de ganância. A riqueza de uma minoria endinheirada estava ao lado da miséria de muitos, numa sociedade marcadamente escravagista. Surgiu, inclusive, uma expressão: “Viver à moda de Corinto”, que significava viver no luxo e na orgia. Paulo permaneceu nessa cidade durante algum tempo (Act 18,1-18) e fundou uma comunidade cristã formada por pessoas da camada mais modesta da população (1Cor 1, 26-28).

O carácter religioso da população coríntia era diversificado. É provável que muitos dos seus habitantes tenham adorado um número considerável de deuses, como nos comprovam os templos escavados dentro e junto ao fórum da cidade.⁴² Estes deuses eram não só os gregos tradicionais, como também deuses estrangeiros. Pouco tempo após Paulo ter estado em Corinto, o culto ao imperador romano foi estabelecido, cerca do ano 54⁴³, mais por iniciativa da própria colónia do que por imposição das autoridades romanas. Era uma forma de os coríntios demonstrarem a lealdade ao imperador. O culto a Tibério assim como o culto aos imperadores julio-claudianos, e aos outros imperadores, a partir de Augusto, é revelado em inscrições.

No que diz respeito à composição da comunidade cristã de Corinto, esta abrangia vários níveis sociais. Havia escravos, artesãos livres e comerciantes,

⁴² Cf. J. MURPHY-O’CONNOR, *St. Paul’s Corinth. Texts and Archaeology*. Wilmington. M. Glazier, 2002, 148-150.

⁴³ Cf. J. CROSSAN; J. REED, *Em Busca de Paulo: Como o Apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*, Paulinas, São Paulo, 2007, 217-218.

peças com vários níveis de riqueza, além de judeus e gentios. Na tentativa de reforçar a unidade entre os cristãos de Corinto, Paulo também reflectiu sobre a estratificação social dos membros da comunidade.⁴⁴ Quando diz que todos formam um só corpo, independentemente de serem judeus ou gregos, escravos ou livres, segundo Fitzmyer⁴⁵, está a destacar a origem da maioria dos membros da comunidade.

As divergências entre os membros eram frequentes. Havia entre os cristãos da cidade dois grupos com ideias diferentes acerca do cumprimento ou não da lei judaica. Paulo desejava⁴⁶ aproximá-los, a fim de formar uma só comunidade de adoração a Jesus.

Um dos grupos, denominado de “fraco”, considerava ser importante observar certas práticas judaicas. O outro grupo, o “forte”, não concordava com o cumprimento de tais práticas. Na opinião de Crossan⁴⁷, naquele contexto histórico, os termos “forte” e “fraco” não se relacionavam apenas com as práticas quotidianas, mas com o poder exercido pelas pessoas dentro da comunidade, bem como o seu *status* económico dentro da estrutura da sociedade⁴⁸. No que concerne ao modo como eles se alimentavam, os “fracos” mostravam-se surpreendidos em relação ao hábito dos “fortes” de comerem carne nos refeitórios dos templos pagãos. Sabe-se que esses banquetes eram frequentados somente pelos mais afortunados dentro do grupo.

A comunidade cristã de Corinto era turbulenta.⁴⁹ Muitos membros só tinham em comum a fé em Jesus, diferindo consideravelmente quanto à instrução, aos recursos financeiros, à orientação religiosa anterior, às aptidões políticas e às suas expectativas dentro da comunidade. Alguns aderiram a esta comunidade atraídos pela oportunidade de poderem sobressair. Eram pessoas activas e ambiciosas, mas com diferentes motivações

⁴⁴ Cf. 1 Cor 12,13.

⁴⁵ Cf. J. FITZMYER, *First Corinthians*. Yale University Press, 2008, 32-33.

⁴⁶ Cf. 1 Cor 8,3-6

⁴⁷ Cf. J. CROSSAN, *O Nascimento do Cristianismo: O que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*, Paulinas, S. Paulo, 2004, 302.

⁴⁸ Cf. 1 Cor 8,10 e 1 Cor 4,10

⁴⁹ Cf. 1 Cor 8,10 e 1 Cor 4,10.

peçoais. Dessa forma, torna-se facilmente perceptível na epístola que, desde a sua fundação, houve uma certa disposição para a competição.⁵⁰

Os problemas de fora também afectavam a vida em comunidade: o ambiente pagão de permissividade sexual; o costume de oferecer carne aos ídolos, antes de a vender nos mercados; a diversidade de crenças religiosas; a exclusão social; o apelo dos cristãos aos tribunais pagãos para resolverem os seus conflitos internos (1 Cor 6,1-11); o “vai-vem” de viajantes, comerciantes, tropas romanas que se serviam dos portos de Corinto trazendo sempre novidades. Paulo, o apóstolo, difundirá o amor e a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, força e luz para enfrentar qualquer obstáculo à fé e à acção na comunidade cristã.

A primeira carta aos Coríntios foi escrita em Éfeso, provavelmente no ano 56. A comunidade já reproduzia, de certa maneira, o ambiente que se vivia na cidade. Por isso, o primeiro objectivo de Paulo na carta é restabelecer a unidade, advertindo que o único chefe é Cristo, e Este não está dividido.

Durante a sua terceira viagem missionária, Paulo passou bastante tempo em Éfeso⁵¹, conforme palavras suas: “Mas vou permanecer em Éfeso até à festividade de Pentecostes”⁵². Provavelmente durante o último ano da sua estadia ali, o apóstolo recebeu notícias preocupantes sobre as condições da comunidade coríntia, nomeadamente as divisões e os escândalos. Paulo fora informado “pelos da casa de Cloe” de que havia dissensões entre os coríntios.⁵³ Estéfanos, Fortunato e Acaico também chegaram de Corinto e forneceram algumas informações sobre a situação.⁵⁴ Paulo recebera também uma carta de verificação da comunidade cristã em Corinto.⁵⁵ Estas circunstâncias explicam o carácter não sistemático da carta, com a única preocupação de enfrentar as necessidades e resolver as dúvidas dos seus correspondentes. Foi com profunda consideração pelo bem-estar espiritual

⁵⁰ Cf. C. SANTOS, “A Composição social dos cristãos em 1 Coríntios”, *RJHR* IV, 6 (2011), 133.

⁵¹ Cf. Act 19,1.

⁵² Cf. 1 Cor 16,8

⁵³ Cf. 1 Cor 1,11

⁵⁴ Cf. 1 Cor 16,17, 18.

⁵⁵ Cf. 1 Cor 7,1.

dos seus crentes que Paulo escreveu esta primeira carta à comunidade cristã de Corinto.

2- Estrutura da 1 Cor

Quando falamos de "carta" pensamos numa correspondência entre duas pessoas, algo pessoal e íntimo. As cartas que temos no Novo Testamento são uma realidade diferente. Não tinham um único destinatário. Foram escritas exatamente para passar de mão em mão, apesar de serem tratados também assuntos por vezes muito pessoais, por vezes constrangedores e polêmicos. Eram lidas em voz alta diante de uma comunidade reunida, assumindo por vezes uma exortação de viva voz, como se o próprio remetente estivesse ali, instruindo e questionando a comunidade com a qual ele mantém uma relação especial. A esse tipo de carta chamamos "epístola". Como tem uma forma mais ou menos padronizada, identificamo-la com o "género literário epistolar".

A primeira carta aos Coríntios utiliza o género epistolar, mas é mais do que uma epístola. É uma explicação do pensamento do seu autor sobre várias situações concretas. Por isso, não é um tratado de teologia, mas um escrito ocasional. As suas orientações, no entanto, são um exemplo valioso de como a mensagem cristã deve moldar as nossas relações do dia-a-dia, não se restringindo a teorias intelectuais ou a ritos exteriores, nem a sentimentos passageiros.

As cartas de Paulo têm uma estrutura própria deste género literário:

A saudação - Paulo dirige-se a determinada comunidade cristã e saúda-a, por vezes longamente, desejando-lhe os bens cristãos, aparecendo aí, com frequência, a fórmula trinitária. Nesta saudação encontra-se já um resumo da fé cristã.

O corpo da carta - Aqui desenvolve a sua doutrina, faz as suas exortações e responde aos problemas e questões da comunidade. Esta parte constitui a quase totalidade da Carta e mostra-nos qual o seu objetivo.

A conclusão - Por vezes, é bastante extensa e contém várias saudações e acções de graças de origem litúrgica⁵⁶.

O conteúdo da 1.^a Carta aos Coríntios pode resumir-se nos seguintes pontos doutrinários:

O corpo central tem como prólogo uma saudação e uma apresentação temática de carácter geral (1, 1-9) e conclui com um epílogo que contém breves indicações acerca da oferta para a Igreja de Jerusalém, mais as saudações de costume e notas pessoais (16,1-24).

Introdução 1, 1-9

1, 1-3 saudação- Paulo começa com a saudação habitual e um hino de acção de graças.

1, 4-9 - Acção de Graças

I 1, 10 - 4, 21 Divisões comunitárias e Sabedoria da Cruz

1, 10-17 - Grupos na comunidade

1, 18 - 3, 4 - Sabedoria da Cruz

3, 5 - 4, 21 - Os apóstolos e a edificação da comunidade

II 5, 1 - 6, 20 - Desordens morais

5, 1-3 - O incesto

6, 1-11 - Processos em tribunal

6, 12-20 - Prostituição

III 7, 1 - 11, 1 - Resposta às questões apresentadas

7, 1-40 - Matrimónio e celibato

8, 1 - 11, 1 Carnes sacrificadas

IV 11, 2 - 14, 40 - Normas para as assembleias litúrgicas

11, 2-16 - O lugar da mulher

11, 17-34 - A celebração da Eucaristia

⁵⁶ Cf. Fl 4,20-23

12, 1 - 14, 40 Os dons do Espírito Santo

V 15 A Ressurreição

VI 16, 1-18 - Assuntos vários

Conclusão 16, 19-24

3- Os remetentes da carta

Os remetentes da carta são "Paulo, chamado a ser apóstolo de Cristo Jesus, por vontade de Deus, e Sóstenes, seu irmão em Cristo (1 Cor 1,1). Paulo, provavelmente, ditou e Sóstenes escreveu visto que perto da sua conclusão lemos: "Aqui está o meu cumprimento, o de Paulo, pela minha própria mão" (cf. 1Cor 1,1; 16,21). Só a saudação final é que Paulo escreveu de próprio punho (cf. 16,21). É talvez por isso que a carta tenha um estilo mais vivo, não se prendendo à rigidez literária do género epistolar. Sóstenes é um colaborador na evangelização, portanto, um co-autor da carta, pois certamente partilha as opiniões do apóstolo. Talvez Sóstenes fosse o chefe da sinagoga de Corinto que, segundo os Actos dos Apóstolos, foi espancado diante do tribunal de Galião, procônsul da Acaia, na confusão gerada pelo conflito entre judeus e cristãos (cf. Act 18,12-17). Esse episódio permite-nos situar a época da fundação da comunidade cristã de Corinto entre os anos 50 e 52.

Paulo é o "pai espiritual" dessa comunidade, de forma que as suas palavras escritas retomam o Evangelho que ele havia pregado de viva voz durante os dezoito meses de sua estadia como evangelizador em Corinto (cf. Act 18,1-11). O objectivo não é anunciar novas ideias nem complementar a evangelização, mas explicitar o conteúdo do que já foi anunciado, aplicando-o mais concretamente às situações particulares. Por isso, não há razões para hesitar em dizer que é Paulo o verdadeiro remetente dessa carta. Ninguém mais do que ele se afligia ao saber dos rumos que a pequena comunidade de Corinto, que ele fundara, estava perigosamente a tomar.

4- Os destinatários da carta

Os destinatários da carta são apresentados como «Igreja de Deus», como assembleia cristã, «chamados a ser santos» (cf. 1 Cor 1,2), numa perspectiva teológica, a partir da qual Paulo declara: «Fiel é Deus, que vos chamou à comunhão com seu Filho; Jesus Cristo Senhor nosso» (cf. 1 Cor 1, 9). O processo de salvação começa com o chamamento mediante o Evangelho que se completa na comunhão de vida com Jesus Cristo, Filho de Deus. Paulo faz remontar a Deus a fé que passa a ser o critério para a escolha do próprio estado de vida. Daí a saudação no início da carta: «Graça e paz» que é proveniente de «Deus nosso Pai» e «do Senhor Jesus Cristo»⁵⁷; "À Igreja de Deus que está em Corinto: aos que foram santificados em Cristo Jesus, chamados a ser santos, com todos os que, em qualquer lugar, invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso" (1,2).

A comunidade cristã de Corinto é a primeira destinatária da carta, pois, afinal, é ela que está em foco na preocupação do apóstolo. Foi santificada em Cristo Jesus, mas corria o risco de perder essa graça. Paulo sabe que esses riscos podem ser os mesmos de outras comunidades em qualquer lugar.

5- A Teologia da carta

As Cartas de Paulo não são tratados teológicos temáticos abstratos, mas a revelação que deixa ver Paulo como um missionário motivado, pastor e apóstolo. É por isso que não podemos dissociar o Paulo teólogo da sua vida real, das comunidades concretas e de todo o seu caminho.

5.1. Saudações

Apesar das más notícias, Paulo começa a carta com uma atitude positiva em relação à comunidade: "Dou incessantemente graças a Deus a vosso respeito, em vista da graça de Deus que vos foi dada em Cristo Jesus";

⁵⁷ Cf. 1 Cor 1, 3.

"fostes nele cumulados de riquezas", "o testemunho de Cristo tomou-se firme em vós" (1,4-9).

Ele escreve a carta com Sóstenes (1,1). Logo na saudação, o apóstolo procura mostrar aos coríntios que eram chamados a terem uma vida irrepreensível (1,8). Não faltava nenhum dom à Igreja (1,7), mas ela precisava de se lembrar que era chamada à santidade. A verdadeira espiritualidade deve manifestar-se através do carácter.⁵⁸

5.2. Os diferentes partidos dentro da Igreja

Havia diferentes grupos dentro da Igreja (1,12). Um grupo defendia Paulo; outro gostava mais de Apolo (Act 18,24 e 27). O grupo judaizante, que tinha tendências para proteger o judaísmo, preferia Pedro. Havia também os defensores directos de Cristo. Mas tudo indica que a polarização mais significativa era entre Paulo e Apolo (3, 4-6). Paulo entendeu que este era o primeiro problema a resolver, a desunião dentro da Igreja. Ninguém se devia gloriar em nada, a não ser no Senhor (2,31). Paulo tinha consciência da sua acção e não valorizava as críticas dos coríntios sobre ele (4, 3-4). Assim, corrigiu-os (4, 9-13). Paulo lembrou à Igreja que foi ele quem os gerou espiritualmente (4,15). Se não o respeitassem seria o mesmo que não valorizar a sua própria fé. A liderança de uma Igreja não deve ser idolatrada, mas deve ser respeitada.⁵⁹

5.3. Exemplos de imoralidade

Um membro da Igreja vivia com a madrasta (5,1). Paulo havia escrito pedindo que ele se afastasse da Igreja (5, 9-11), mas não foi atendido. Aliás, esta situação mostra que houve uma carta anterior à que chamamos de primeira. Que a Igreja cuide de si mesma primeiro, sublinhava Paulo (5,12). Não apenas neste caso, mas também noutros, algumas pessoas (5,11) não deveriam desfrutar da comunhão da Igreja. O cidadão que vivia

⁵⁸ Cf. CROSSAN, op. cit., 302.

⁵⁹ Cf. H. GAMBLE, *Between Jesus and Paul*, Fortress Press, London, 1983, 1-96.

incestuosamente com a esposa do pai deveria ser “entregue a Satanás” (v. 5). A sua conduta não era de alguém pertencente a Cristo. Sendo tirado da comunhão da Igreja, o objectivo era que aprendesse e se arrependesse.

5.4.A ida a tribunal

Os membros da Igreja têm problemas entre si. Isto faz parte da natureza humana. Mas deveriam resolver estes problemas sem necessitar de recorrer a tribunais humanos. Paulo refere esta situação em 6,1-6. Faz outra observação em 6,7: as dissensões na Igreja são uma vergonha para o testemunho. Paulo associa este caso à impureza moral da Igreja (6, 8-10). Quem teve uma experiência com Cristo não pode ter uma conduta pior do que a conduta de quem não teve (6,11). Em 6,12 o apóstolo deixa um princípio importantíssimo: todas as coisas nos são permitidas, mas algumas delas devemos evitar. O nosso corpo é o santuário do Espírito (6,19). É na nossa integridade que Deus mora. A santidade é o culto da presença de Deus na nossa vida, no centro decisório da nossa personalidade.⁶⁰

5.5.O ensino sobre o casamento

O capítulo 7 mostra como a Igreja tinha dificuldades nesta área. Paulo aponta para o perigo de se procurar a prostituição (muito comum e vista como uma prática religiosa pelos pagãos) e mostra que Satanás trabalha nesta área (v. 5). Paulo refere que seria bom ao homem não tocar mulher alguma. Todavia, considerando o perigo da incontinência, cada um tenha a sua mulher, e cada mulher tenha o seu marido. Há deveres no casamento (7, 3-5) e, por isso, deve haver um acordo entre os cônjuges sobre as questões sexuais. O marido cumpra o seu dever para com a sua esposa e da mesma forma também a esposa o cumpra para com o marido. A mulher não pode dispor de seu corpo: ele pertence ao seu marido. Da mesma forma o marido não pode dispor do seu corpo: ele pertence à sua esposa. Nem homem nem mulher são donos do seu corpo, pois esse mesmo corpo pertence ao seu

⁶⁰ Cf. B. HOLMBERG, *Paul and Power: The Structure of Authority in the Primitive Church as Reflected in the Pauline Epistles*, Fortress, Filadélfia, 1980, 100-120.

cônjuge; logo deve existir uma relação de grande respeito e seriedade mútuos. Paulo aconselha os cônjuges a não se privarem um do outro, excepto se for de comum acordo; mas no caso de isso acontecer que se dediquem à oração, como forma de reflexão. Após a oração, o casal deve juntar-se de novo. Defende ainda que entre mulher e marido, o dever é mútuo e o acordo é mútuo: “Cumpra o marido seu dever com a mulher, e o mesmo faça a mulher com seu marido” (7, 2-7), sublinhando que o Senhor nos chamou para vivermos em paz. Paulo refere que diz isto como concessão, não como ordem. Pois queria que todos fossem como ele; mas cada um tem de Deus um dom particular.

Jesus reafirmou a lei fundamental do matrimónio indissolúvel que deve ser respeitada (7, 10-11). Perante os problemas, a mulher deve reconciliar-se com o marido e o marido não se deve divorciar da mulher.

Quando um homem ou uma mulher tiverem um cônjuge não cristão (7, 12-16) e este consente em viver com ele, não deve divorciar-se porque o cônjuge cristão é capaz de transmitir a sua consagração aos filhos. Mas se a paz for impossível, se o não cristão toma a iniciativa de se separar, a parte cristã não fica ligada.

Aos solteiros e às viúvas, diz que é bom para eles se permanecerem assim, como ele. Mas, se não podem guardar a continência, casem-se. É melhor casarem do que terem comportamentos indevidos (7, 27-28). O próprio Paulo tinha o dom de poder viver sem esposa, por isso podia dedicar-se totalmente à obra de Deus, fazendo longas viagens missionárias pelo Evangelho, porque não tinha família para cuidar (7, 7.32-34).

Paulo refere que cada um viva na condição na qual o Senhor o colocou ou à qual o Senhor o chamou. É o que recomenda a todas as igrejas. O que era circunciso, quando foi chamado à fé não dissimule sua circuncisão. Quem era incircunciso, não se faça circuncidar. O que importa é a observância dos mandamentos de Deus. Cada um permaneça na profissão em que foi chamado

por Deus. Eras escravo, quando Deus te chamou? Não te preocupes. Mesmo que te possas torna livre, é melhor cuidares de aproveitar melhor o teu chamamento, pois o escravo, que foi chamado pelo Senhor, conquistou a liberdade do Senhor. Da mesma forma, quem era livre por ocasião do chamamento, fez-se escravo de Cristo. Paulo refere que fomos comprados por um alto preço, não nos tornemos escravos de homens. Cada um deve permanecer diante de Deus na condição em que estava quando Deus o chamou.

A respeito das pessoas virgens, Paulo refere que não tem mandamento do Senhor; porém, dá o conselho, como homem que recebeu da misericórdia do Senhor a graça de ser digno de confiança. Julga, pois, perante as dificuldades, ser conveniente ao homem ficar assim como é. Estás casado? Não procures desligar-te. Não estás casado? Não procures mulher. Mas, se queres casar-te, não pecas; assim como a jovem que se casa não peca, sublinha Paulo. O que importa é que os que têm mulher vivam como se a não tivessem; os que choram, como se não chorassem; os que se alegram, como se não se alegrassem; os que compram, como se não possuíssem; os que usam deste mundo, como se dele não usassem. Porque a figura deste mundo passa. O solteiro cuida das coisas que são do Senhor, de como agradar ao Senhor. O casado preocupa-se com as coisas do mundo, procurando agradar à sua esposa. A mesma diferença existe com a mulher solteira ou a virgem. Aquela que não é casada cuida das coisas do Senhor, para ser santa no corpo e no espírito; mas a casada cuida das coisas do mundo, procurando agradar ao marido: “Digo-vos que para evitar a imoralidade, cada homem tenha a sua mulher e cada mulher tenha o seu marido. Cumpra o marido o seu dever com a mulher, e o mesmo faça a mulher com o seu marido. A mulher não é dona do seu corpo, e sim o marido; igualmente o marido não é dono do seu corpo, e sim a mulher” (1 Cor 7, 11-16).

5.6. Carne oferecida aos ídolos

Esta é a maior secção da epístola. Em Corinto havia muitos templos pagãos. Havia o culto a Poseidon, o deus do mar. Havia o culto à deusa Roma, o culto ao imperador e o templo a Afrodite, a deusa do amor, com mil sacerdotisas prostitutas, que eram tidas como santas, por dedicarem seus corpos à divindade em ritos sexuais. Muitos templos tinham cultos em que a carne era sacrificada aos ídolos. A carne era vendida no açougue pelos sacerdotes. Eis a questão: comer ou não comer tal carne? Afinal, podia-se estar a comer algo sacrificado a ídolos. Porém, o ídolo não existe, não tem poder algum (8,4-6). Deus sabe quem o ama (8, 3). Apenas não devemos ir a uma festa pagã para comer a carne, (8,10) por causa do testemunho⁶¹.

5.7. Irregularidade dos cultos

No Oriente antigo, a mulher não deveria aparecer de cabelos soltos ou descobertos. O princípio fundamental nas instruções de Paulo é o respeito pelo local de culto e pelo culto, propriamente dito (11,17).

Havia uma refeição comum nas igrejas, chamada *ágape*. Era um momento de comunhão que se seguia à ceia e que era a última parte do culto. As pessoas traziam a sua comida de casa. Em Corinto fundiu-se a ceia e o *ágape*. Os ricos traziam iguarias, mas os pobres passavam necessidade (11, 20-22). Paulo diz que isto não era a ceia (v. 20) e passa a explicar em que esta consistia. Ele recebeu esta forma de celebração. Fica em aberto se a recebeu de Jesus ou de outros apóstolos, mas é certo que, pelo ano 50 de nossa era, a Igreja já seguia esta prática de celebrar a ceia, como um acto memorial (vv. 24-25), ou seja, lembrando o sacrifício de Jesus na cruz. A ceia exige por parte dos seus participantes um exame de consciência (11, 27-29)⁶².

⁶¹ Cf. G. THEISSEN, "Estratificación Social de la Comunidad de Corinto. Estudio de Sociología del Cristianismo Primitivo Helenista", *Estudios de Sociología del Cristianismo Primitivo*, Sigueme, Salamanca, 1985, 189-234.

⁶² Cf. R. HORSLEY, *Paulo e o Império: Religião e Poder na Sociedade Imperial Romana*, Paulus, São Paulo, 2004, 78.

5.8. Dons espirituais

O que domina a discussão nos capítulos 12 e 14 é o dom das línguas. Em Actos 2, no dia de Pentecostes, as línguas eram inteligíveis (Act 2, 8), e em Corinto não o eram (1 Cor 14, 9 e 16). No Pentecostes, as línguas falaram aos homens (Act 2, 6-8) e em Corinto falavam a Deus (1Cor 14, 2). No Pentecostes não houve necessidade de intérprete (Act 2, 8) e em Corinto havia (1Cor 14,5 e 14,13). No Pentecostes houve edificação das pessoas (Act 2, 11) e em Corinto havia orgulho e escândalo (1 Cor 14, 23). No Pentecostes, falar diferentes línguas auxiliou muita gente, preparando-as para a mensagem de Pedro, levando-as à conversão (Act 2, 41), e em Corinto ajudava apenas quem discursava (1 Cor 14, 4 e 14, 17).

Mas, mais que tudo, em Corinto havia muita controvérsia. Os dons, que deveriam edificar, serviam para fragmentar a Igreja. Os dons, mencionados nos versículos 8-10, são: a palavra da sabedoria, a palavra do conhecimento, fé, dons de curar, operações de milagres, profecia, discernimento de espíritos, diversidade de línguas e interpretação de línguas⁶³.

5.9. Ensino sobre a ressurreição dos mortos

É o trecho de 15, 1-58. Conforme o v. 12, havia pessoas que negavam haver a ressurreição de mortos. Mas Paulo afirma com segurança que, se não houvesse a ressurreição de mortos, o cristianismo não fazia sentido algum (vv. 13-19). A pregação da Igreja repousava sobre: (1) Jesus era o Messias esperado; (2) Ele fora morto; (3) Ele ressuscitara; (4) Ele voltará. No primeiro sermão da Igreja, Pedro deixou isto bem claro (Act 2, 31) e voltou a reafirmá-lo num segundo sermão (Act 3, 15; Act 4, 2 e 11). A base de tudo é que Jesus ressuscitou. Esta é a garantia de nossa ressurreição (1Cor 15, 20-23). A ressurreição de Jesus é um facto testemunhado, pois existiram várias aparições aos apóstolos, isolados ou em grupos (v. 6)⁶⁴.

⁶³ Cf. H. GAMBLE, *Between Jesus and Paul*. London: Fortress Press, 1983, 1-96.

⁶⁴ Cf. J. MURPHY, *St. Paul's Corinth. Texts and Archaeology*. Wilmington: M. Glazier, 2002, 88.

A ressurreição do corpo ocupa uma longa secção (v. 35-49). O argumento paulino é simples. Cristo ressuscitou com um corpo que pode ser visto (Lc 24,36-43 e Jo 20,27). Foi uma ressurreição física.

Já sabemos que Corinto era uma cidade grega. Para os gregos, o corpo não tinha valor, sendo apenas a prisão da alma. A ideia de ressurreição pregada pelos cristãos era motivo de brincadeira para os gregos (Act 17, 31-32). Mas para os cristãos, a matéria não é má, como era para os gregos. O corpo não é mau. Deus assumiu um corpo, na pessoa de Jesus! E assim, Paulo faz quatro afirmações:

- (a) O corpo presente é corruptível; o corpo futuro será incorruptível;
- (b) O corpo presente é uma desonra; o corpo futuro será a glória;
- (c) O corpo presente é fraco; o corpo futuro ressuscitará em poder;
- (d) O corpo presente é natural; o corpo futuro será espiritual.

Nem todos morrerão porque, quando Cristo vier, os que estiverem vivos serão transformados (v. 52). Os mortos ressuscitarão primeiro, mas os vivos serão transformados. Será o fim da morte. Isto deve suscitar duas atitudes em nós. A primeira é gratidão a Deus por este final tão glorioso que teremos (v. 57). A segunda é que devemos continuar firmes na fé, sem nunca desanimar (v. 58)⁶⁵.

Os capítulos finais das cartas paulinas são muito enriquecedores. É expresso o seu relacionamento com os crentes, as palavras de saudação, o estímulo e o reconhecimento do carácter de muitos. Paulo expressa o desejo de visitá-los, não apenas de passagem, mas permanecendo algum tempo com eles (vv. 5-7). O apóstolo está entrado em anos mas continua a pregar e, embora tenha oposição, não faz caso disso (vv. 8-9). Ele tem uma missão e

⁶⁵ Cf. M. MACDONALD, *Las Comunidades Paulinas*, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1994, 56.

quer cumpri-la. Não procura aplausos, mas apenas deseja cumprir o seu dever para com Cristo. Trabalhar até morrer sem se preocupar com os críticos.

A carta termina com afecto nas saudações. Paulo escreve a oração que era feita pela Igreja primitiva: *Marana Tha*, expressão aramaica que significa “Vem, nosso Senhor!” (v. 22). O desejo pelo regresso de Jesus deve ser a nossa oração. Conclui com uma benção, como faz em todas as cartas: que a graça de Jesus estivesse com eles; o amor dele, Paulo, estava com eles. As suas últimas palavras foram estas: “Pois estamos unidos com Cristo Jesus!” (v. 24)⁶⁶.

O apóstolo Paulo foi responsável pela difusão do Cristianismo no mundo mediterrânico através das pregações feitas durante as suas viagens e das cartas que enviou às suas comunidades. A actualidade da mensagem de S. Paulo acontece também fruto da sua forte inteligência emocional, a qual desenvolveu através do dom da palavra; para explicar a generosidade da mensagem cristã diz na sua primeira Carta aos Coríntios: “(...) ai de mim, se eu não evangelizar!” (9,16).

⁶⁶ Cf. J. FITZMYER, *First Corinthians*. Yale University Press, 2008, 21-96.

3º CAPITULO

O «anúncio messiânico» na 1ª carta aos Coríntios

1- Os núcleos temáticos

Toda a carta foi escrita numa perspectiva cristológica. A carta abre com a primeira exortação em nome de «Jesus Cristo Senhor nosso». (1 Cor 1,10). Ao receber a profissão de fé cristã, Paulo reconhece que Jesus é o Cristo, é o Senhor e Filho de Deus⁶⁷.

Segundo Paulo, a proclamação sincera e explícita de Deus como Senhor não poderia ter acontecido se não existisse fé e se não se acreditasse no Espírito Santo⁶⁸ (1Cor 12,2 ss). Na primeira carta aos Coríntios usa-se o apelido Cristo repetidamente. Os cristãos da comunidade de Corinto são chamados a viver a santidade invocando Jesus Cristo como Senhor (1Cor 1,2). Estes esperam a manifestação do Senhor Jesus Cristo e que possam contar com a acção de Deus na sua missão (1Cor 1,7-8), bem como com a fidelidade de Deus, pela qual são chamados à comunhão com o Filho (1Cor 1,9).

1.1. A Ressurreição - Fundamento do anúncio messiânico

Deus é o sustento de tudo e através da ressurreição de Jesus realiza o seu plano salvífico: “Quando tudo Lhe for submetido, também o Filho se submeterá Àquele que Lhe submeteu tudo, e assim Deus será tudo em todos”. (1Cor 15,28). Enquanto Filho, Jesus é o Cristo glorioso e o intermediário da fé e da comunhão entre o Filho e Deus Pai⁶⁹. O apóstolo expõe a profissão de fé cristológica, que é conjugada com a bíblica tradicional, onde se proclama a unidade de Deus criador: “para nós existe um só Deus, o Pai, que é princípio

⁶⁷ Cf. F. RINALDO, *Prima lettera ai Corinti*, Paoline, Milano, 2005, 228.

⁶⁸ Cf. *Ibidem*, 229.

⁶⁹ Cf. *Ibidem*, 229.

de tudo e fim nosso, existe um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe, também nós”; contraria, assim, os coríntios que reconheciam vários deuses e senhores⁷⁰ (1 Cor 8,6).

No final da carta, pode ler-se a reflexão de Paulo sobre o destino dos crentes associados à morte e ressurreição de Cristo: “Graças sejam dadas a Deus, que nos dá a vitória por meio do Senhor nosso Jesus Cristo” (1 Cor 15,57). Mais uma vez se evidencia o plano salvífico de Deus através do Senhor ressuscitado e glorioso⁷¹. Em 9, 1-2, Paulo reconhece-se verdadeiro e autêntico apóstolo de Jesus Cristo, porque teve a experiência d’Ele, porque O viu. O chamamento individual por parte de Deus, graças ao anúncio do evangelho vem do Senhor, seja qual for a condição social; sejam escravos, sejam libertos, pertencem ao Senhor,⁷² sejam casados ou solteiros, procuram viver em comunhão de vida com o Senhor⁷³. Até a viúva pode confiar no Senhor (1 Cor 7, 39). O crente, que a partir do baptismo está purificado, santificado e justificado torna-se, sempre em nome do “Senhor Jesus Cristo”, num só espírito com Ele⁷⁴. No final, o Senhor será juiz de todos (1 Cor 4-5).

Como prova de fé em Jesus Cristo, Paulo recorre à teologia de Adão. A figura negativa de Adão contrapõe-se à figura positiva de Cristo, do homem velho para o homem novo, que inaugura a história da nova humanidade, chamada à ressurreição e à vida (1 Cor 15,20-22): “...o primeiro homem, Adão, tornou-se um ser vivo, o último Adão tornou-se espírito que dá vida”⁷⁵. Jesus Cristo não representa só a fé para os crentes, é também salvação para todos os homens⁷⁶.

Nesta carta aparecem sete textos em que Paulo fala do “Espírito de Deus” (1 Cor 2,11.12.14; 3,16; 6,11; 7,40; 12,3). Em dois casos, a experiência do Espírito também é designada com outra expressão tradicional: «Espírito Santo» (1Cor 6,19; 12,3). Nesta carta em particular aparece-nos duas vezes:

⁷⁰ Cf. RINALDO, op. cit., 230.

⁷¹ Cf. Ibidem, 230.

⁷² Cf. 1 Cor 7, 22-25.

⁷³ Cf. 1 Cor 7, 32-35.

⁷⁴ Cf. 1 Cor 6,11-17.

⁷⁵ 1 Cor 15, 45.

⁷⁶ Cf. RINALDO, op. cit., 230.

no capítulo 2, onde se associa à experiência de Deus e à linguagem espiritual, e no capítulo 12, onde fala dos dons ou carismas do Espírito. Também no capítulo 14, Paulo dá algumas instruções e normas práticas para valorizar e usar os carismas da palavra no contexto da assembleia de oração⁷⁷.

O Apóstolo foi escolhido por Deus para anunciar sem usar a retórica para convencer os ouvintes, sempre em sintonia com o agir paradoxal de Deus que revela a sua potência e sabedoria na impotência e loucura de Jesus, o Cristo crucificado: “a minha mensagem e a minha proclamação não se apoiavam em palavras sábias e persuasivas, mas na demonstração de poder do Espírito, de modo que a vossa fé não se fundasse na sabedoria humana, mas no poder divino. Aos perfeitos propusemos uma sabedoria, não a sabedoria deste mundo ou dos chefes deste mundo, que vão decaindo. Propusemos a sabedoria de Deus, mistério oculto, por decisão divina, desde o passado para vossa glória. Nenhum príncipe deste mundo a conheceu: pois se a tivessem conhecido, não teria sido crucificado o Senhor da glória” (1 Cor 2,4-8).

Deus, mediante o seu Espírito, revela aos crentes o desígnio de salvação que historicamente se manifesta em Jesus, o Messias crucificado e ressuscitado que se cumpre na glória. Porém, Paulo só pode falar desta realidade a partir dos ensinamentos do Espírito de Deus àqueles que são espirituais⁷⁸. O apóstolo contrapõe um cristianismo espiritual àquele que ele chama «*psychikos*», que se deixa conduzir pelos critérios da sabedoria humana e por isso associado por ele a alguns cristãos de Corinto aos quais chama *sarkinoi* ou *sarkikoi*, «pessoas carnis»⁷⁹.

Neste debate com os coríntios sobre a sabedoria de Deus, Paulo associa a acção do Espírito de Deus ao processo de conhecimento e comunicação espiritual (1 Cor 2,8.11.14.16). O discurso sobre a acção do Espírito Santo vem de modo mais amplo nos capítulos dedicados aos «dons do Espírito» (1 Cor 12,1). Com mais uma expressão que evidencia a fé trinitária, Paulo declara: «Existem carismas diferentes, mas um único Espírito; existem ministérios diferentes, mas um único Senhor» (1 Cor 12, 4-5). Nessa perspectiva, Paulo

⁷⁷ Cf. RINALDO, op cit, 231.

⁷⁸ Cf. 1Cor 1, 10-15.

⁷⁹ Cf. 1 Cor 3,1-3.

põe em evidência a acção do único e mesmo Espírito que distribui os diversos e múltiplos dons a cada um em particular, como ele quer e em vista da utilidade (1 Cor 12, 7.11).

O apóstolo lembra o momento originário da experiência do Espírito na comunidade dos crentes, os quais, por serem muitos e diversos, formam um só corpo com Cristo: “Todos nós, judeus ou gregos, escravos ou livres, nos batizamos num só Espírito para formarmos um só corpo, e absorvemos um só Espírito». (1 Cor 12, 13). Paulo remete os cristãos de Corinto à mesma experiência de baptismo “no Espírito do nosso Deus» para descobrirem a razão profunda do estado de santidade⁸⁰. Com uma outra imagem declara que eles são templo santo de Deus, porque neles vive o Espírito⁸¹ (Cf. 1 Cor 3,16; 6,19).

A reflexão de Paulo acerca do Espírito de Deus ou Espírito Santo nesta carta orienta-se em duas direcções. Numa primeira parte, ele lembra a acção fundamental do Espírito e a sua presença nos crentes baptizados que faz com que pertençam a Deus. Numa segunda, no contexto particular da comunidade de Corinto, onde se privilegiam os dons do conhecimento e da palavra, Paulo desenvolve a reflexão sobre o papel do Espírito que é a fonte do verdadeiro conhecimento, sobretudo religioso. Volta a falar deste debate quando fala do significado e do papel eclesial dos carismas da profecia e da glossolalia⁸².

A reflexão de Paulo sobre a evangelização enfrenta o problema da divisão na comunidade de Corinto apelando à lógica do Evangelho de Jesus Cristo crucificado. Os cristãos de Corinto, que tendem a definir a própria identidade na relação com cada um dos pregadores, esquecem o acontecimento que está na origem da fé e que fundamenta a sua espera da salvação: “O Messias está dividido. Foi Paulo crucificado por vós, ou fostes baptizados invocando o nome de Paulo?” (1 Cor 1, 13). Jesus Cristo foi crucificado por eles e em seu nome são baptizados. A eficácia do baptismo não depende de quem o administra, mas sim da morte redentora de Jesus Cristo. Como fundamento desta afirmação, Paulo apresenta a sua missão— “O

⁸⁰ Cf. 1Cor 6,11; 10, 1-4.

⁸¹ Cf. RINALDO, op. cit., 232.

⁸² Ibidem, 232.

Messias não me enviou para baptizar, mas para evangelizar”— e completa a frase com as condições a que se deve submeter: “sem qualquer eloquência, para que não se invalide a cruz do Messias” (1 Cor 1, 17).

A finalidade da carta de Paulo é posta em evidência: o fundamento que dá legitimidade e autoridade ao próprio ser “apóstolo de Jesus Cristo» é que ele é apóstolo «por vontade de Deus”. Volta a invocar a «graça de Deus», a «Misericórdia» do Senhor e o poder do “Espírito de Deus”⁸³. Paulo considera-se apóstolo legítimo, porque viu Jesus, o Senhor (1 Cor 9,1). De facto, ele insere-se numa série de testemunhas que proclamam a ressurreição de Cristo: Cefas, os doze, Tiago e todos os Apóstolos. Coloca-se no último lugar dos apóstolos: “Por último apareceu a mim, que sou como um aborto. Pois sou o último entre os apóstolos e não mereço o título de apóstolo, pois persegui a Igreja de Deus. Graças a Deus, sou o que sou, e a sua graça em mim não foi vã, já que trabalhei mais que todos eles; não eu, mas a Graça de Deus comigo” (1 Cor 15,8-10). Ele não se sente digno de ser chamado apóstolo e só com a força de Deus isso é possível, só com Ele pode ter eficácia na proclamação do Evangelho⁸⁴.

O seu empenho e trabalho ao serviço do Evangelho estão na origem da Igreja de Corinto e são uma confirmação da sua dedicação. Paulo diz: «Se para outros não sou apóstolo, para vós eu sou. O selo do meu apostolado para o Senhor, sois vós. A minha defesa diante dos que me julgam é esta» (1 Cor 9, 2-3). Esta defesa ou apologia de Paulo revolta aqueles que na comunidade não partilham o seu estilo e método apostólico, mas não o impede de reafirmar a sua escolha paradoxal. Enquanto apóstolo de Cristo, está ao serviço do Evangelho, pois escolheu livremente ser «escravo de todos»⁸⁵.

O objectivo final desta escolha paulina não é só o de actuar a liberdade na escravidão, não só para alcançar um maior número de apoiantes, mas também ser participante com eles da salvação prometida no Evangelho⁸⁶. A mesma escolha está na base também do debate dos primeiros capítulos da

⁸³ Cf. RINALDO, op. cit., 235; Cf. 1 Cor 3, 10; 15, 10; 7,25.40.

⁸⁴ Cf. Ibidem, 235.

⁸⁵ Cf, Ibidem, 236; 1 Cor 9,19.

⁸⁶ Cf. 1 Cor 9, 23; Cf. RINALDO, op. cit., 236.

carta sobre o estatuto e o papel dos pregadores do Evangelho na comunidade cristã. Àqueles que chamam pelo seu nome ou àqueles que chamam por Apolo e que se opõem uns aos outros, ele coloca abertamente as perguntas: «Quem é Apolo? Quem é Paulo? Ministros da vossa fé, cada qual segundo o dom de Deus» (1 Cor 3,5). O que conta é o chamamento à fé que vem através do anúncio do Evangelho. Mas é o Senhor, diz Paulo abertamente, que está na origem da tarefa dos pregadores e, portanto, da resposta dos crentes⁸⁷. Paulo convida os cristãos de Corinto a não procurarem a própria identidade na relação com os pregadores do Evangelho, mas apenas e só na relação com Cristo que faz dela uma relação com Deus: «Vós sois de Cristo, Cristo é Deus»⁸⁸.

Quando Paulo retoma o discurso sobre o papel e identidade dos pregadores, tem presente esta «hierarquia» cristológica e teológica. Porém, convida todos os seus interlocutores, independentemente do grupo a que pertencem, a considerarem os pregadores do Evangelho «como servos de Cristo e administradores dos mistérios de Deus»⁸⁹. Depois, chama a atenção para a figura do administrador que não pode agir por si próprio, mas como encarregado deve responder com o próprio trabalho ao Senhor⁹⁰: «Ora, de um administrador exige-se que seja fiel» (1 Cor 4,2). A mesma linguagem e a mesma imagem relativa ao servo administrador aparecem no capítulo 9, no contexto do debate acerca da escolha de anunciar gratuitamente o Evangelho: «Se o fizesse por iniciativa própria, receberia o meu salário; se não é por minha vontade, é porque me confiaram um encargo» (1 Cor 9,17).

Paulo traça o perfil de vida dos apóstolos, que se devem doar gratuitamente, ao contrário dos retóricos que são bem pagos pelas suas funções. Os apóstolos, por divina disposição, estão no último lugar da escala social, como os condenados à morte⁹¹. O seu estilo de vida corresponde à lógica do Evangelho que anunciam: “Até agora passámos fome e sede, andámos seminus, tratam-nos a golpes, vagueamos a esmo, cansámo-nos com

⁸⁷ Cf. *Ibidem*, 236.

⁸⁸ Cf. 1 Cor 3, 21-23.

⁸⁹ Cf. 1 Cor 4,1.

⁹⁰ Cf. RINALDO, *op. cit.*, 236.

⁹¹ Cf. *Ibidem*, 236.

as nossas mãos. Insultados, bendizemos; perseguidos, resistimos” (1 Cor 4,11-12). Paulo retoma este argumento no capítulo 9, quando apresenta a sua renúncia ao direito de apóstolo, isto é, ele próprio ter de trabalhar para comer: «Não temos direito a comer e a beber?»⁹² Somos Barnabé e eu os únicos que não têm direito a ficar sem trabalhar? Todavia não fizemos uso de tal direito» (1 Cor 9, 4.6.12b). O apóstolo não pode negar a sua escolha de anunciar gratuitamente o Evangelho porque faz parte da sua escolha de liberdade anunciá-lo a todos, judeus, gregos, débeis e fortes, deixando de parte as diversidades étnicas, religiosas e sociais. A liberdade de ser apóstolo de Jesus Cristo realiza-se no serviço a que todos participem na salvação do Evangelho que ele anuncia⁹³.

A par do termo *ekklesia*, Paulo utiliza algumas imagens e fórmulas que exprimem o seu modo de pensar na Igreja, ou seja, no horizonte da fé cristã. Entre elas está «naos», templo, que aparece quatro vezes na expressão «templos de Deus»⁹⁴. Só nas primeiras três é que tem claramente valor eclesial. Contudo, em todos os casos, o «templo de Deus», quer seja a comunidade dos crentes quer seja cada cristão, é sempre definido pela presença do «Espírito Santo». Esta imagem do templo aproxima-se da «*oikodome*», construção ou «edifício de Deus» (1 Cor 3,9).

Mais fecunda e rica de ressonâncias eclesiais é a imagem do «Corpo» que Paulo desenvolve na reflexão dos carismas. Pode pensar-se que Paulo a tenha utilizado em atenção ao ambiente greco-romano, em que se sente em casa. Mas a substância desta fórmula, “Corpo de Cristo” ou “Corpo do Senhor”, deriva da experiência sacramental cristã do baptismo e da ceia. De facto, no contexto desta reflexão sobre os carismas, Paulo aproxima a experiência da comunidade ao corpo que, sendo constituído de muitos membros, é um só.

A fórmula paulina “Corpo de Cristo” dá relevo à experiência eucarística em que cada um dos crentes, através do pão partido, está em “comunhão com

⁹² Cf. 1 Cor 3, 21-23.

⁹³ Cf. *Ibidem*, 236-237.

⁹⁴ 1 Cor 3, 16.17^a, 17b;6, 19.

o Corpo de Cristo”⁹⁵. Paulo foi buscar este dado da tradição eucarística para colocar em relevo a dimensão eclesial: “Um é o pão e um é o corpo que formamos, apesar de muitos; pois todos partilhamos o único pão” (1 Cor 10,17). Esta dimensão de unidade eclesial ligada com a experiência eucarística torna-se útil a Paulo quando este faz apelo à consciência dos cristãos de Corinto para reconhecerem que os seus encontros com a Ceia do Senhor são escandalosos. As divisões que se verificam fazem compreender que eles não têm consciência da “Igreja de Deus”, e envergonham os que nada têm⁹⁶. Refere a tradição eucarística que dá relevo ao Senhor e convida os cristãos a comer o pão e a beberem o cálice do Senhor de um modo digno, isto é, distinguindo o Corpo do Senhor⁹⁷. Neste caso, o corpo não é só o eucarístico, mas coincide com a Igreja de Deus, formada por todos os crentes que participam na Ceia do Senhor⁹⁸.

Nesta carta também aparecem outros textos nos quais Paulo menciona a experiência sacramental do batismo e da ceia nem sempre com uma explícita dimensão eclesial. O batismo como sacramento está na origem da unidade de todos os crentes, pois a partir do batismo somos todos filhos de Deus.

Para fundamentar as suas observações, apela ao estatuto dos cristãos fundado no batismo. Eles não pertencem à categoria de injustos, pois foram “lavados...consagrados e absolvidos pela invocação do Senhor nosso Jesus e pelo Espírito do nosso Deus” (1 Cor 6,11). Já no início da carta, Paulo, quando apresenta o estatuto dos cristãos que formam a Igreja de Deus, diz: “à Igreja de Deus em Corinto, aos consagrados a Cristo Jesus com uma vocação santa, e a todos os que invocam, seja onde for, o nome de Jesus Cristo, Senhor deles e nosso» (1 Cor 1,2). Tal estatuto é tão claro que, pela pertença cristã de uma parte no matrimónio, é santificada a outra parte juntamente com os filhos que nascerem ⁹⁹.

⁹⁵ Cf. 1 Cor 10, 16.

⁹⁶ Cf. 1 Cor 11, 17.22.

⁹⁷ Cf. 1 Cor 11,27-29.

⁹⁸ Cf. RINALDO, *op. cit.*, 238.

⁹⁹ Cf. *Ibidem*, 239; Cf. 1 Cor 7,12-14.

O povo escolhido por Deus, a partir do êxodo do Egito, está no fundamento da releitura que Paulo faz da dupla experiência sacramental do batismo e da eucaristia. A passagem do mar é pré-figuração do batismo, enquanto o maná é a comida espiritual que prefigura o pão eucarístico. Tanto um como outro sacramento comunicam o Espírito, cumprem a água que brota da rocha espiritual que é Cristo¹⁰⁰. Uma outra alusão à eucaristia e à realidade eclesial pode ver-se no cordeiro pascal. Paulo vê Cristo como novo cordeiro pascal que chama os cristãos a transformarem-se (1 Cor 5, 7)¹⁰¹.

Aos dois carismas da palavra, profecia e glossolalia, Paulo dedica um grande destaque e faz um confronto entre as duas formas de comunicar que constam entre os dons espirituais. Quando alguém, sob o impulso do Espírito, fala pelo dom da glossolalia, ninguém consegue entender porque se dirige directamente a Deus. Ao contrário, quem tem o dom da profecia fala aos seres humanos: “para a edificação, exortação e encorajamento”¹⁰². É precisamente a edificação o critério para valorizar os dois carismas da profecia e glossolalia¹⁰³.

Sobre a base do critério da edificação ou crescimento eclesial, Paulo estabelece a regra prática sob a qual se deve intervir na assembleia, pela qual todos possam tomar a palavra, mas um de cada vez: “Todos podeis profetizar, cada um por sua vez, para que todos aprendam e se animem” (1 Cor 14, 31). Na base deste princípio de comunicação eclesial, Paulo ordena a quem tem o dom da glossolalia que se cale se não tem quem interprete a sua palavra ou oração.

O critério da “oikodome” é a actuação eclesial do «ágape», amor que Paulo propõe aos coríntios como caminho eminente¹⁰⁴. Como nos diz no hino ao amor cristão, somos inspirados e alimentados pelo «ágape», que é a única realidade espiritual que não acaba, porque concorda com a experiência de

¹⁰⁰ Cf. 1 Cor 10, 1-4.

¹⁰¹ Cf. RINALDO, op. cit., 239.

¹⁰² Cf. 1 Cor 14, 3.

¹⁰³ Cf. RINALDO, op. cit., 240.

¹⁰⁴ Cf. 1 Cor 12, 31.

comunhão com Deus que é a plena maturidade espiritual¹⁰⁵. A quem se gaba de ter o conhecimento, Paulo diz que esse conhecimento não favorece a edificação se não for acompanhado do “ágape”. O único modo de conhecer a Deus ou de estar com ele é amá-Lo: “Se alguém pensa que já tem conhecida alguma coisa, ainda não se conhece como deve. Ao contrário, se alguém ama a Deus, é conhecido por Deus¹⁰⁶ (1 Cor 8,2-3). Os carismas da palavra, em última análise, provêm do único e mesmo Espírito e favorecem o crescimento pessoal e comunitário enquanto são expressão e actuação do carisma eminente do “ágape”¹⁰⁷.

1.2. A antropologia de Paulo

Sob o ponto de vista antropológico, a reflexão mais original e profunda está no debate de Paulo com o grupo de cristãos de Corinto que, em nome da liberdade, legitimam a prática da prostituição. Estes sustentam que o instinto sexual em relação ao corpo é como uma necessidade de comida para o estômago. Paulo, ao contrário, afirma que o corpo está na relação com o Senhor e assim, contrariamente ao estômago, é destinado à ressurreição¹⁰⁸. Neste caso, Paulo entende “corpo” como realidade psicofísica que coincide com a pessoa. De facto, ele diz-nos que os crentes batizados são membros de Cristo» e formam com Ele um só Espírito. Esta união é análoga à relação matrimonial que faz dos dois seres “uma só carne”. Por isso, quem se une à prostituta formando com ela um só corpo, rompe a comunhão vital - “um só espírito” - que tem com Cristo. Neste sentido, Paulo pode dizer que quem comete imoralidade sexual peca contra o próprio corpo¹⁰⁹. Reforça ainda esta afirmação dizendo que o corpo dos crentes batizados é templo do Espírito Santo, uma vez que são de Deus. Além disso, eles não podem dispor de si, porque pertencem a Deus por meio da auto-doação de Jesus para os resgatar.

¹⁰⁵ Cf. 1 Cor 13, 8-12.

¹⁰⁶ Cf. RINALDO, op. cit., 240-241.

¹⁰⁷ Ibidem, 241.

¹⁰⁸ Cf. Ibidem, 241-242.

¹⁰⁹ Cf. 1 Cor 6,12-18.

E conclui dizendo: “Portanto, glorificai a Deus com o vosso corpo” (1 Cor 6,20)¹¹⁰.

O discurso sobre o significado do corpo reaparece na série de respostas que Paulo dá às perguntas colocadas pelos coríntios sobre a maneira de viver a sexualidade e a escolha do seu estado de vida. Alguns cristãos inventaram um *slogan* que parafraseia uma afirmação de Paulo: “quanto ao que escrevestes, que é melhor o homem não tocar numa mulher...” (1 Cor 7,1). Mas, Paulo também diz: «que cada homem tenha a sua mulher e cada mulher o seu marido» (1 Cor 7,2). Aqui Paulo dá uma regra para os esposos cristãos: “não vos priveis um do outro, se não for de mútuo acordo e por um tempo, para dedicar-vos à oração”¹¹¹ (1 Cor 7,5).

Paulo exprime a sua preferência pelo estado de solteiro; mas cada um deve seguir o carisma que recebeu. Porém, aos jovens cristãos que queiram contrair matrimónio diz que o podem fazer com toda a liberdade, mas adverte: «contenham-se em relação à carne», pois devem ter as preocupações próprias da vida de casal, cada um dos esposos deve cuidar do outro. Enquanto o homem e a mulher não estão casados, devem dedicar-se exclusivamente ao Senhor.

No que toca à mulher jovem não desposada, diz que deve ser «santa no corpo e no espírito»¹¹². Isto vai contra a mentalidade dualista do âmbito greco-romano e também contra a visão social em que a mulher tem um papel só de esposa e de mãe. Ele exige uma nova mentalidade para o homem e para a mulher, na relação com o Senhor. Enfim, o apóstolo convida cada um a fazer a própria escolha com liberdade tomando conta do que é de facto vantajoso para aderir ao Senhor “sem distrações”¹¹³.

Paulo regressa à relação homem/mulher por ocasião do debate sobre o uso do “véu” que as mulheres cristãs devem trazer na cabeça durante a assembleia da Palavra e da Oração. Paulo introduz a sua argumentação com uma declaração sociocultural: “Contudo, desejo que compreendais que o

¹¹⁰ Cf. RINALDO, op. cit., 242.

¹¹¹ Cf. Ibidem, 242.

¹¹² Cf. 1 Cor 7, 34.

¹¹³ Cf. 1 Cor 7,35; Cf. RINALDO, op. cit., 242-243.

Messias é cabeça de todo o homem, o homem é cabeça da mulher e Deus é cabeça do Messias” (1 Cor 11,3). A primeira e terceira afirmação atingem o património da fé¹¹⁴. A intermédia depende da cultura patriarcal que Paulo partilha com os cristãos de Corinto. Ele baseia-se na história bíblica da criação que mostra a mulher a vir do homem e a ser criada para o homem. Nessa perspectiva, interpreta também a apresentação bíblica do homem criado à imagem de Deus. Só o homem é imagem e glória de Deus, enquanto a mulher é glória do homem¹¹⁵. Porém, Paulo corrige esta visão antropológica desequilibrada a favor do homem afirmando: “Embora para o Senhor não haja mulher sem homem, nem homem sem mulher. Pois, se a mulher procede do homem, também o homem nasce da mulher, e ambos procedem de Deus” (1 Cor 11,11-12). De facto no processo generativo o homem vem da mulher e, por fim, tudo “vem de Deus”¹¹⁶.

A visão antropológica de Paulo nesta carta aparece integrada com o que ele disse a propósito da unidade do corpo, que se exprime, vive e opera nos diversos e múltiplos membros¹¹⁷. A intenção de Paulo não é de carácter antropológico, mas sim eclesial; todavia da harmonia orgânica do corpo sobressai a acção criadora de Deus que revela indirectamente também a concepção do ser humano. Analogamente, quando encara o problema da ressurreição dos mortos, e em particular da qualidade do corpo dos ressuscitados, Paulo revela uma perspectiva antropológica aberta ao futuro que tem a sua garantia e protótipo em Jesus Cristo. De facto, com a ressurreição Ele tornou-se Espírito vivificante: “Assim está escrito: o primeiro homem, Adão tornou-se um ser vivo, o último Adão tornou-se espírito que dá vida” (1 Cor 15,45). Mas a origem e fundamento de tudo está na acção criadora de Deus que ressuscitou Jesus Cristo dos mortos. Ele revestirá de imortalidade e incorrupção o corpo mortal e corruptível que é semeado na terra¹¹⁸.

¹¹⁴ Cf. 1 Cor 3,23.

¹¹⁵ Cf. 1 Cor 11, 7-9.

¹¹⁶ Cf. RINALDO, op. cit., 243.

¹¹⁷ Cf. 1 Cor 12, 12-26.

¹¹⁸ Cf. RINALDO, op. cit., 243.

A antropologia desta carta caracteriza-se a partir do evento redentor da morte e ressurreição de Jesus Cristo. A relação vital com Jesus Cristo e a presença do Espírito Santo definem a nova identidade dos cristãos em todos os âmbitos e dimensões da sua existência. Nela se realiza uma antropologia unitária ao contrário da dualista, personalizada e relacional¹¹⁹.

1.3. Liberdade e Amor - uma ética paulina?

As duas palavras-chave da ética paulina nesta carta são: «liberdade» e «amor». O que faz ponte entre estes dois horizontes é a «consciência», à qual apelam tanto os coríntios para justificar as suas práticas libertárias, tanto como Paulo para propor a actuação da liberdade no amor. A maior concentração da palavra «ágape», amor, está nesta carta; aparece 14 vezes contra 9 em Romanos e em 2 Cor. Encontra-se na passagem do hino ao amor cristão, como um louvor do amor (1 Cor 13,1-13): aparece 9 vezes. Duas vezes relaciona-se também com o verbo “agapan” (1 Cor 2,9; 8,3.), referindo-se ao amor que os crentes têm a Deus. Quatro vezes compara o apelativo carinhoso «agapetos» dirigido por Paulo aos destinatários da carta, com o dirigido ao seu colaborador Timóteo (1 Cor 4, 14.17; 10,14; 15, 58)¹²⁰.

O sistema de valores éticos proposto nesta carta é bastante sóbrio. Os cristãos participam na santidade e justiça de Cristo Jesus¹²¹. De facto, pelo poder do baptismo, são santificados e ficam justos, chamados a viver na santidade¹²². Pelo contrário, resulta falso e fora de questão o desafio de quem confia no prestígio humano, seu ou doutro (1 Cor 1,29; 3,21). Alguns cristãos de Corinto fazem-se fortes na consciência religiosa. Paulo diz que se auto-exaltam e reivindicam o direito para actuar esta consciência sem ter em conta os irmãos que não têm a mesma consciência iluminada e segura. De facto, aceitam sem escrúpulos o convite para os banquetes sagrados no templo pagão e assim põem em crise outros irmãos que são induzidos a imitá-

¹¹⁹ Cf. *Ibidem*, 243.

¹²⁰ Cf. *Ibidem*, 244.

¹²¹ Cf. 1 Cor 1, 30.

¹²² Cf. 1 Cor 1, 2. 30; 6, 1-2.11.

los, mas com a convicção de cair na prática da idolatria. Neste caso, Paulo propõe uma escolha de liberdade paradoxal, na qual ele próprio dá exemplo como apóstolo livre de todos e, por isso, na iminência de ser servo de todos, solidário tanto com os judeus como com os gregos. Como os primeiros estão submetidos à lei, ele também se submeteu à lei; com os segundos que não têm a lei, tornou-se como um que não tem lei, «por não ser sem a lei de Deus, mas na lei de Cristo». O objectivo é poder anunciar o Evangelho para salvação de uns e de outros. A lei de Cristo, de que Paulo fala, pode ser identificada, no seu conteúdo, com amor; de resto, Paulo nunca chama «ágape» à lei¹²³.

O amor é um dinamismo que invade inteiramente a existência do cristão. Paulo faz uma exposição eloquente na parte central do elogio ao amor “ágape”. Neste quadro ideal, o amor é fonte de relações positivas— “o amor é magnânimo” é benévolo”— e é generoso nas relações negativas: «Não é invejoso nem fanfarrão, não se exalta, não realiza ações vergonhosas, não procura o próprio interesse, não cede à ira, não tem maldade, não defende a injustiça, pelo contrário defende a verdade”. Enfim, o amor é o centro da vida ética e religiosa: «Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera e tudo suporta»¹²⁴. As duas expressões antitéticas— “não se exalta” e “alegra-se com a verdade”— acontecem por causa da situação de Coríntios que tendem a exaltar-se, e não no sentido de se fazerem solidários com os mais débeis¹²⁵. A proposta ética que atravessa a carta pode resumir-se em poucas palavras: a liberdade cristã nasce do amor de Deus, revelado e dado em Jesus Cristo por meio do Espírito Santo, e actua no amor, enquanto este funda e alimenta as relações positivas entre as pessoas¹²⁶.

¹²³ Cf. RINALDO, op. cit., 244-245.

¹²⁴ Cf. 1 Cor 13, 4-7.

¹²⁵ Cf. 1 Cor 9, 22; 12, 26; Cf. RINALDO., op. cit., 244.

¹²⁶ Cf. Ibidem, 245.

1.4. A escatologia paulina

A abertura à escatologia da mensagem paulina nesta carta dá-se particularmente no capítulo acerca da ressurreição dos mortos. A tensão escatológica é invocada mais vezes também para contrariar uma tendência anti-escatológica presente na comunidade de Corinto. Alguns privilegiam o aspecto espiritual da vitória sobre a morte e põem entre parêntesis a história com os seus limites e precariedade da existência. Por outras palavras, consideravam que já tinham chegado à fase final da salvação que coincide com o reino de Deus: «Já estais saciados! Já vos enriquecesteis! Sem nós, já reinais! Oxalá já reinásseis para que nós reinássemos convosco» (1 Cor 4,8). Paulo, enquanto reconhece os dons espirituais dos coríntios e agradece a Deus por isso, ao mesmo tempo convida a olhar em frente à espera da “manifestação de Nosso Senhor Jesus Cristo”¹²⁷.

Estas palavras de Paulo, a partir do começo da sua carta, deixam intuir que ele se preocupa por apresentar a tensão escatológica como uma componente essencial da experiência cristã. Esta emerge no seguimento da carta sob várias expressões recebidas da tradição. Paulo fala da vinda do Senhor como juiz que “iluminará as coisas escondidas nas trevas e manifestará as intenções dos corações”¹²⁸. Este é o dia do Senhor, no qual se cumpre a salvação: “...de modo que o espírito se salve no dia do Senhor Jesus” (1 Cor 5,5). O apóstolo, segundo a tradição apocalíptica que remonta ao livro de Daniel, imagina que os cristãos, solidários com o destino de Jesus até agora, serão associados ao juízo de Jesus Cristo, o Senhor ressuscitado: “Não sabeis que os consagrados julgarão o mundo? E se vós haveis de julgar o mundo, não sois competentes em questões de pouca importância? Não sabeis que julgaremos os anjos? Quanto mais os assuntos da vida ordinária” (1 Cor 6,2-3)¹²⁹.

¹²⁷ Cf. RINALDO, op. cit., 245-246; Cf. 1 Cor 1,7-8.

¹²⁸ Cf. 1 Cor 4, 4-5.

¹²⁹ Cf. RINALDO, op. cit., 246.

A condição final, na qual entram os justos como filhos a tomar parte da herança, é o reino de Deus¹³⁰. Mesmo que este reino como salvação seja um dom livre de Deus dado aos crentes, Paulo diz expressamente que isso não é feito de palavras mas de força: “O reinado de Deus não consiste em palavras, mas em força” (1 Cor 4,20). Refere-se àqueles que empream a cabeça e se fazem fortes com palavras e são desmentidos pelo seu modo de se comportarem. Se o dia do Senhor e o reino Deus se colocam no pano de fundo do fim, todavia Paulo indica alguns sinais que antecipam o juízo de Deus na história. O testemunho que se lança sobre a comunidade cristã como um fogo destruidor é uma verificação do trabalho pastoral. E alude ao dia do juízo final: “A obra de cada um ficará evidente, pois aquele dia a mostrará: aparecerá como fogo, e o fogo comprovará a qualidade da obra de cada um” (1 Cor 3,13). A par disso, convida os cristãos de Corinto a verem nos casos de doenças e de mortes que se verificam na comunidade, por causa do seu modo desordenado de celebrar a Ceia do Senhor, uma antecipação do juízo final. Trata-se de uma intervenção pedagógica e correctiva da parte do Senhor, para evitar o juízo final de condenação: «Se nos examinarmos, não seremos julgados. E se o Senhor nos julga, é porque nos exorta para não nos condenar com o mundo (1 Cor 11, 31-32). De resto, Paulo faz excluir um cristão da comunidade que convive com a madrasta. A exclusão será uma prova temporária— pela ruína da sua carne— para que se possa rever e ser salvo no dia do Senhor¹³¹.

Paulo diz que todas as situações actuais, a dos desposados, a de quem tem sorte ou desgraças, fazem conquistar neste mundo o outro, são provisórias. Não é um convite à fuga ou ao abandono da própria condição ou estado de vida, mas um apelo a viver de qualquer modo na liberdade que vem do horizonte escatológico¹³².

É útil uma análise da sua valorização dos carismas. Paulo sabe que todos os carismas, mesmo os mais espectaculares e impressionantes, também desaparecerão. Está convencido de que o actual modo de conhecer Deus,

¹³⁰ Cf. 1 Cor 6,9.10; 15,50.

¹³¹ Cf. 1 Cor 5, 5; Cf. RINALDO, op. cit., 246.

¹³² Cf. *Ibidem*, 246.

aquele que é dado pelo seu Espírito, é limitado e imperfeito. Todavia, não nega o valor e a função dos vários dons espirituais para o crescimento da comunidade. E convida a vivê-los na «ágape», na espera da plena comunhão com Deus¹³³. Esta preocupação prática é sustentada também pelo pequeno tratado de escatologia que Paulo coloca no fim da carta: «Concluindo, queridos irmãos, ficai firmes, inabaláveis, progredindo sempre na obra do Senhor, convencidos de que a vossa fadiga pelo Senhor não será inútil» (1 Cor 15,58). O motivo é que alguns cristãos de Corinto dizem que não existe ressurreição dos mortos: «Ora, se se proclama que Cristo ressuscitou da morte, como dizem alguns de vós que não há ressurreição dos mortos?» (1 Cor 15,12). É possível que se trate do mesmo grupo de entusiastas que consideram irrelevante a ressurreição futura do corpo, porque a ressurreição é antecipada na actual experiência de Deus: «Sede sóbrios como convém e deixai de pecar, pois alguns ignoram a Deus— digo-o para vergonha vossa. Não foi primeiro o espiritual, mas o animal, e depois o espiritual (1 Cor 15, 34.46)¹³⁴.

Para fazer frente a esta tendência anti-escatológica que ameaça travar o empenho e a fidelidade da comunidade, Paulo apela ao «kerygma» recebido da tradição que tem o seu fulcro na proclamação da ressurreição de Jesus Cristo. Esta é garantia segura da ressurreição de todos os mortos. De facto, Paulo diz que Cristo é ressuscitado como primícia, modelo de antecipação de todos os seres humanos que morrem. Jesus é na história da humanidade a figura antitética de Adão: “Visto que todos morrem por Adão, todos recuperarão a vida por Cristo” (1 Cor 15, 22). Num cenário inspirado no modelo apocalíptico, Paulo imagina a sequência dos eventos finais: a vinda de Cristo, a ressurreição dos mortos, a entrega do reino por Deus Pai. Mas esta oferta de Deus por meio de Jesus Cristo não estará completa enquanto não for eliminado o último inimigo, a morte¹³⁵.

Paulo retoma este tema do papel de Jesus ressuscitado, protagonista da história da salvação na sua fase final, no segundo quadro em que volta a invocar a tipologia de Adão. Mas desta vez, Paulo faz apelo ao evento da

¹³³ Cf. *Ibidem*, 247.

¹³⁴ Cf. *Ibidem*, 247.

¹³⁵ Cf. *Ibidem*, 247.

criação, que é o modelo e garantia da ressurreição final. O apóstolo relê a narração da criação do primeiro homem, Adão, projectando a figura de Cristo ressuscitado que é o último ou definitivo Adão. Em seguida, retoma também o confronto antitético precedente: “Da mesma forma que trazemos a imagem do homem do terrestre, traremos a imagem do celeste” (1 Cor 15,49). Regressa ainda a este ponto quando abre um parêntesis de carácter apocalíptico para lhes recordar a ressurreição dos mortos e a transformação dos viventes: “Num instante, num abrir e fechar de olhos, ao último toque de trombeta (que tocará), os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós nos transformaremos” (1 Cor 15, 52). O que está no coração de Paulo é animar os cristãos de Corinto a que só com a ressurreição dos mortos e a transformação do corpo mortal se completará a plena vitória sobre a morte. E esta vitória, diz Paulo, já está assegurada por meio do Senhor Jesus Cristo: «Graças sejam dadas a Deus, que nos dá a vitória por meio do Senhor nosso Jesus Cristo» (1 Cor 15, 57)¹³⁶.

2- Em que consiste o anúncio?

O acontecimento fundamental é a morte salvadora e a ressurreição do Messias. As fórmulas sobre a morte salvadora do Messias situam-se no contexto da sua relação com o baptismo (1 Cor 1,13), e com o escândalo do Messias crucificado (1 Cor 1,17-25); o Messias crucificado (1 Cor 2,2); o anúncio depois da crucificação (1 Cor 2,8).

As fórmulas sobre a ressurreição do Messias referem-na como sendo o fundamento da transformação futura do povo messiânico (1 Cor 6, 14): a ressurreição e as aparições do Messias (1 Cor 15), a relação entre a debilidade do messias na morte e a força da vida (2 Cor 4, 10-12), a ressurreição do messias como fundamento para a ressurreição futura do povo messiânico (2 Cor 4, 14), a pertença do povo messiânico ao messias morto e ressuscitado (2 Cor 5, 15) e a relação entre a debilidade da crucificação e a vida do messias (2 Cor 13, 4).

¹³⁶ Cf. *Ibidem*, 247.

As fórmulas mais específicas e relevantes são a alusão indirecta à morte libertadora do Messias e a sua conexão com o baptismo (1 Cor 1,13): o Messias convertido em justiça, santificação e libertação (1 Cor 1,30), morte do Messias como sacrifício servindo de cordeiro pascal, eliminando o fermento da maldade possibilitando uma nova vida (1 Cor 5, 6-7), tradição baptismal semelhante à carta 1 Cor 1, 30, purificação, santificação e justificação do povo messiânico pelo nome do Messias e pelo espírito de Deus (1 Cor 6,11), comunicação dos crentes com Messias (1 Cor 6,15-17), doação do espírito, que converte o crente em espírito de Deus (1 Cor 6,19-20), os crentes como escravos do Messias (1 Cor 7, 22-23), morte libertadora do Messias (1 Cor 8, 11), tradição da Ceia do Senhor (1 Cor 10,16-17), comunhão com a morte de Messias, tornando-se um só corpo e expansão de uma nova aliança (1 Cor 23-25), a ressurreição de Cristo, objecto de profissão de fé das testemunhas (1 Cor 15, 1-58), libertação dos pecados pela ressurreição do Messias (1 Cor 15,17), inauguração de uma nova humanidade pelo Messias, superando a velha humanidade criada por Adão (1 Cor 15, 20-22, 44.49).

A correspondência da comunidade coríntia referiu em inúmeras ocasiões situações da maldade do antigo mundo, como a escravização ali sentida (1 Cor 1, 18-25). Todas as declarações do velho mundo falam sobre a sua libertação e de como se concretiza do ponto de vista messiânico. A correspondência contém inúmeras informações específicas sobre a libertação e as novas criações que surgiram através da mesma. Muitas delas estão interligadas com a tradição do baptismo e da ceia do Senhor¹³⁷.

A correspondência de Paulo faz diversas referências à maldade do mundo velho, dominado por diversos poderes, e podemos citar algumas delas como: a falsa sabedoria do mundo velho (1 Cor 3, 18-20; o mundo de maldade e de juízos injustos (1 Cor, 6, 1-11); a tentação de Satanás (1 Cor 7, 5), entusiasmo pelo culto a ídolos (1 Cor, 12, 2). Por outro lado, há também inúmeras referências do fim deste mundo velho como: vitória definitiva do

¹³⁷ S. VIDAL, *El proyecto mesiánico de Pablo*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2005, 286.

poder do mundo messiânico sobre os inimigos (1 Cor 15, 24-28), separação do mundo cristão do mundo pagão (2 Cor 6, 14-7, 1).¹³⁸

As declarações sobre o mundo velho incluem também a libertação do mesmo e a efectividade do acontecimento messiânico. A correspondência coríntia refere diversas vezes a liberdade messiânica e a nova criação surgida através dela. Citemos algumas: a tradição baptismal (1 Cor 6,11), a dominação do espírito (1 Cor 6, 19-20), a inauguração de uma nova comunidade pelo Messias (1 Cor 15, 20-22, 44-49) ou ainda a renovação contínua do homem no seu interior (1 Cor 4,6).

Paulo introduz o motivo para avançar com o reino messiânico do futuro, aprofundando o conceito de esperança messiânica. A perspectiva relativamente ao futuro do reino messiânico é visível na segunda vinda de Cristo, ressuscitado dos mortos na comunidade messiânica, sendo o reino vitorioso a destruir os poderes inimigos. Dar-se-á a ressurreição universal e o seu final no reino de Deus (1 Cor 15, 23-28), a pureza de Messias, a ressurreição dos mortos da comunidade messiânica e a transformação dos mesmos (1 Cor 15, 50-55). Os acontecimentos inaugurais do reino messiânico são a manifestação (1 Cor 15,23), o apocalipse (1 Cor 1,7), a vinda (1 Cor 4,5; 1 Cor 11,26), a aclamação do Senhor (1 Cor 16,22).

No seu desenrolar, o reino messiânico torna-se um reino vitorioso sobre os poderes inimigos (1 Cor 15, 24-28), renovando a criação, visto o modo de existência deste mundo estar prestes a desaparecer para se tornar um reino messiânico (1 Cor 7,31); o final do reino messiânico acontecerá na ressurreição universal (1 Cor 15, 20-22.26); a seguir, a ressurreição universal dar-se-á com o juízo universal em que Deus julgará os de fora (1 Cor 5,13), sendo o juízo do mundo e dos anjos confiado à comunidade messiânica (1 Cor 6, 2-3); depois segue-se o juízo do mundo (1 Cor 11,32).

Os textos referem também a tradição baptismal, em que os malvados serão excluídos da herança do reino de Deus (1 Cor 6,9-10). O reino de Deus depois do reino messiânico (1 Cor 15, 24-28), a herança de Deus, não serão

¹³⁸ VIDAL, op. cit., 288.

para esta existência mortal, mas sim para a existência transformada (1 cor 15, 50).

O tema da missão tem como finalidade a concretização do povo messiânico, tema que a correspondência coríntia tratou com uma amplitude maior que o resto das cartas paulinas. Paulo insere o fundamento para desenvolver com o reino messiânico do futuro, aprofundando o conceito de esperança messiânica, defendendo-a, face a outras missões. O que obriga a reflectir nitidamente sobre o sentido da missão messiânica e sobre a figura dos emissários¹³⁹

Os contextos mais significativos encontram-se na parte onde Paulo compara a sua missão com a de Apolo, que ocasionou as divisões na comunidade (1 Cor 1, 4-4, 21), e em que Paulo apresenta a sua praxis missionária, servindo a todos como exemplo de serviço e de renúncia, no tratamento de questões sobre a participação nos banquetes pecaminosos.

O sentido da missão messiânica apresenta-se com a esplêndida imagem da marcha triunfal de Deus e do soberano messiânico submetendo todos os povos. No texto de Paulo encontra-se mais explícita a campanha militar da missão que se apresenta como uma “guerra de conquista”, em que os poderes inimigos se vão submetendo ao soberano messiânico. A missão é a portadora do evangelho messiânico que contém o acontecimento libertador messiânico fundado na morte e ressurreição do Messias.

A tarefa do emissário está na iluminação recebida de Deus, criador da luz, para que a luz ilumine o reconhecimento da presença de Deus na pessoa de Messias. Assim, o emissário representa a nova aliança de Deus, tornando-se assim um emissário do Messias, oferecendo a reconciliação da parte de Deus.

A actuação poderosa do emissário significa a sua participação no destino daquele que foi crucificado, e que agora vive o poder de Deus (1 Cor 1,17-2, 5). O emissário tem autoridade perante a comunidade, já que é o enviado que seguiu o caminho do Evangelho (1 Cor 4,15) garantindo o matrimónio daquela com o Messias. Poderia exercer a sua autoridade com rigor (1 Cor 4,18-21, 1 -13, 1-10), mas sempre com a finalidade da construção

¹³⁹ VIDAL, op. cit., 292-293.

da comunidade e não da destruição. A tarefa dos missionários ao serviço da comunidade é descrita (1 Cor 3,5-4-5) na tarefa dos servidores, dos trabalhadores do campo de trabalho de Deus. De modo semelhante, a itinerância (1 Cor 9, 1-27), tendo presente o carácter de serviço da praxis missionária de Paulo e a sua renúncia ao direito de sustento por parte das comunidades, é um sinal do seu serviço gratuito ao Evangelho, como um escravo que não recebe salário, com a finalidade de reunir todos, judeus e gentios. A sua recompensa está no Evangelho e no cumprimento do serviço a favor de todos¹⁴⁰.

Numerosos textos da comunidade coríntia falam da debilidade da praxis da missão paulina e interpretam-na como uma conformação com o Messias crucificado. Assim, apresenta uma demonstração da necessidade do Evangelho sobre o Messias crucificado na proclamação missionária, a fundação de uma comunidade sobre a actuação débil do missionário, precisamente para ser demonstrada a sua força de espírito (1 Cor, 17-2,5).

Mas os textos mais descritivos da debilidade missionária paulina são as listas dos problemas do missionário (1 Cor 4, 9-13). Nelas são mencionadas desgraças de todos os tipos: a hostilidade por parte tanto dos judeus como dos gentios (1 Cor 15, 30-32), os perigos inerentes às dificuldades da viagem da missão, as condições miseráveis da rua, sem estabilidade e protecção, o trabalho duro para ganhar a vida, fome, frio e doença, bem como os problemas da comunidade. Estes problemas são aqueles que são apresentados pelos opositores. Para os missionários, este é um sinal e prova de que o poder messiânico se aperfeiçoa na fraqueza.

¹⁴⁰ VIDAL, op. cit., 293-294.

3- Como é que Paulo faz o anúncio à Comunidade?

O carácter do Povo messiânico é um argumento fundamental na correspondência coríntia. A ele, Paulo recorre diversas vezes para solucionar os problemas da comunidade. A comunidade messiânica faz parte de um povo eleito (1 Cor 1,2-9, 24-26, 26-28, 15. 17-24), dos santos (1 Cor 1,2; 6, 1.2; 7, 14.34; 14, 33; 16, 1.15), que foi santificado (1 Cor 1,2; 6,11; 7, 14) pelo Messias convertido na sua santificação (1 Cor 3,16; 6,11; 6, 19; 12,13). Para a libertação messiânica, o povo foi retirado desde mundo de maldade e impureza para um mundo de bondade e pureza.

O povo eleito é edificação de Deus, construída sobre a base do Messias, é templo de Deus, assim como cada um dos seus membros (1 Cor 3,9; 1 Cor 3, 9-17; 1 Cor 3, 16-17). É o povo da Nova Aliança baseada na morte libertadora do Messias, face ao povo da Antiga Aliança fundada por Moisés. Como povo escolhido por Deus, desfruta dos dons do Espírito como prova do mandato missionário (1 Cor 1, 4-7). A comunidade, eleita por Deus para a comunhão com o Messias (1 Cor 1, 7-9), aguarda a plenitude do futuro messiânico. Pela sua ressurreição e transformação (1 Cor 1,7-9), como participante no futuro reino messiânico, julgará o mundo (1 Cor 15, 12-27).

Para corrigir o espírito individualista e a falta de apoio da comunidade, a correspondência coríntia desenvolve a comunhão fundada na comunhão com o Messias. A comunhão é vista como o corpo do Messias (1 Cor 6,15-17; 10, 16-17; 12, 12-27). É esposa do Messias, o novo Adão, e aguarda pela celebração do seu matrimónio quando Ele aparecer para iniciar o reino glorioso. É uma carta escrita pelo Messias por intermédio dos seus emissários e escrita com o Espírito de Deus.

A própria estrutura social, dominada por estratos sociais humildes, é uma demonstração da sua comunhão com Messias crucificado (1 Cor 1,26-31).

O povo messiânico constrói assim uma nova humanidade que supera as divisões da comunidade antiga. O fundamento está na comunicação com Adão, que abandona a velha humanidade fundada inicialmente, criando uma

nova humanidade sob o poder do espírito da vida (1 Cor 6, 15-17; 15, 20-22, 44-49). Nessa nova humanidade não existe divisão entre judeus e gentios, escravos e livres, homens e mulheres (1 Cor 1, 24; 7, 17-24; 11, 11-12; 12, 13). O acontecimento messiânico celebrado na Ceia do Senhor cria uma nova comunidade de práticas sociais humildes em contraste com o mundo helénico (1 Cor 11, 17-34). Nela, os dons do Espírito são recebidos não para proveito próprio, mas para construir a comunidade, sendo todos eles concedidos por Deus (1 Cor 12-14).

O tema central do epistolário coríntio é a socialização do povo messiânico. Nele se abordam os inúmeros problemas que a comunidade coríntia enfrentou por causa da socialização como novo grupo religioso dentro da sociedade, definindo a sua identidade como uma nova comunidade dentro do helenismo. A origem destes problemas esteve ligada à adaptação da comunidade cristã à estrutura social, cultural e religiosa do helenismo. Provocou, por um lado, uma perigosa integração da comunidade nas práticas sociais da cidade, ameaçando desenvolver-se como um grupo religioso; por outro, originou a falta de integração entre as várias comunidades. A comunidade coríntia torna-se assim uma comunidade messiânica.¹⁴¹

O estilo do anúncio de Paulo, que recusa as pretensões dos coríntios de fazerem apelo ao seu prestígio de orador cristão, é determinado pelo acontecimento da morte de Jesus na cruz. É por isso que ele chama à sua proclamação «a palavra da cruz» e também «anúncio de Cristo Crucificado»¹⁴². De um ponto de vista humano, tal anúncio não pode parecer débil e insensato, pois, quer se trate de judeus quer se trate de gregos, na procura religiosa seguem-se outros critérios¹⁴³. Os judeus, que têm confiança no poder de Deus, deparam com o anúncio de um Messias morto na cruz. Os gregos, que pensam chegar a Deus através das vias do saber humano, vêm na imagem de um crucificado que quer salvar apenas um sinal de loucura. Mas Paulo diz que, para aqueles (crentes) que respondem com fé ao chamamento

¹⁴¹ VIDAL, op. cit., 311.

¹⁴² Cf. 1 Cor 1, 18. 23.

¹⁴³ Cf. RINALDO, op. cit., 233.

de Deus, a palavra da cruz é poder de Deus que salva e que a proclamação de Cristo crucificado revela a sua paradoxal sabedoria¹⁴⁴.

Paulo adequou-se a este conteúdo escandaloso e paradoxal na comunidade de Corinto onde não anunciou o “mistério de Deus” fazendo ostentação de linguagem ou de sabedoria. O apóstolo conforma-se, no estilo do seu anúncio e no conteúdo do seu discurso, com Aquele que ele quer conhecer: “Quando fui até vós, irmãos, não me apresentei com grande eloquência e sabedoria para anunciar-vos o mistério de Deus; pois entre vós não decidi saber outra coisa a não ser Jesus Messias, e este, crucificado” (1 Cor 2, 1-2). Por isso, usou a retórica para convencer e apelar unicamente ao poder de Deus que se manifesta através do seu Espírito: “Segundo o dom que Deus me deu, como arquitecto experiente coloquei o alicerce; outro continua a construir. Que cada qual veja como constrói. Ninguém pode pôr outro alicerce além do que já foi posto, que é Jesus Messias” (1 Cor 3,10-11)¹⁴⁵.

Paulo volta a falar do Evangelho da salvação quando apresenta aos cristãos de Corinto a sua escolha paradoxal de liberdade. Como apóstolo plenamente legítimo e reconhecido, ele poderia viver como os outros apóstolos, do próprio trabalho de proclamar o Evangelho. É um direito fundado sobre a praxis tanto religiosa como profana; que todos vivam do fruto do próprio trabalho e que os anunciadores vivam do evangelho: “o senhor dispôs que os anunciadores da boa notícia vivam do seu anúncio”. (1 Cor 9,14). Mas recusou ser mantido pela comunidade de Corinto para evitar qualquer obstáculo ao “Evangelho de Cristo”¹⁴⁶.

Na reflexão sobre esta escolha, que provocou suspeitas e mal entendidos na igreja de Corinto, Paulo tenta fundamentar a motivação que dá na sua experiência radical de ser cristão. Ele não tomou a iniciativa de anunciar o Evangelho. Evangelizar é ao mesmo tempo uma necessidade e uma tarefa que lhe é confiada, tal como aquela de um patrão para um servo. Num e noutro caso, Paulo diz que não se pode pedir uma recompensa. Por isso, o

¹⁴⁴ Cf. *Ibidem*, 233.

¹⁴⁵ Cf. *Ibidem*, 233.

¹⁴⁶ Cf. 1 Cor 9,12.

único modo de se libertar deste confronto foi dizer que lhe foi dada a graça de anunciar o Evangelho e de fazê-lo gratuitamente¹⁴⁷.

No fundo desta reflexão está a experiência da graça de Deus, da qual ele fala nesta secção autobiográfica conjuntamente com o esquema do *kerygma* referido na abertura do debate sobre a ressurreição dos mortos. Paulo inicia o tratamento do chamamento ao anúncio do Evangelho, acontecido antes na cidade de Corinto, enumerando por ordem o processo que vai do anúncio inicial até ao acolhimento crente por parte dos ouvintes, até à salvação comunicada pelo Evangelho (1Cor 15,1-2). A única condição para que o Evangelho opere aquela salvação que promete é que seja mantida aquela «palavra» com qual foi anunciado. O fundamento desta última declaração é colhido por Paulo do esquema de anúncio que transmite aos Coríntios, tendo-o por sua vez recebido da tradição respeitável da primeira Igreja: “Antes de tudo, eu vos transmiti o que havia recebido”¹⁴⁸. Os pontos essenciais deste anúncio tradicional sobre o qual se fundamenta a fé dos Coríntios são: a morte de Cristo, a sua ressurreição e a sua manifestação às testemunhas qualificadas, a partir de Cefas e do grupo dos doze¹⁴⁹. Por isso, o Evangelho chama-se também “testemunho de Cristo” e os pregadores testemunham que Deus ressuscitou Jesus dos mortos (1 Cor 15,15; 1 Cor 1,6)¹⁵⁰.

No debate com alguns cristãos de Corinto, que dizem não haver “ressurreição dos mortos”, Paulo preocupa-se em mostrar a eficácia salvífica da ressurreição de Cristo a favor daqueles que morreram. Mas o conteúdo salvífico do Evangelho, que diz respeito a Cristo crucificado, é sugerido na fórmula do *kerygma* tradicional em que se diz: “Cristo morreu pelos nossos pecados segundo as Escrituras” (1 Cor 15,3b). Nesta carta, Paulo não faz um tratamento explícito do valor redentor da morte de Jesus Cristo. Contenta-se, quando se oferece ocasião para tal, em recordar-lho através de algumas expressões fixas. Um par de vezes convida os cristãos de Corinto a considerar

¹⁴⁷ Cf. 1 Cor 9, 18.

¹⁴⁸ Cf. 1 Cor 15, 3a.

¹⁴⁹ Cf. 1 Cor 13, 3b-5.11.

¹⁵⁰ Cf. RINALDO, op. cit., 234

as condições do seu resgate: porque foram “comprados pagando um preço”¹⁵¹ (1 Cor 6,20; 7,23).

No confronto com os cristãos de Corinto, que sem escrúpulos passam por cima da consciência do seu irmão débil, Paulo diz expressamente que eles agindo assim provocam a ruína do irmão débil: “e por teu conhecimento se perde o fraco, um irmão por quem Cristo morreu” (1 Cor 8,11). Além disso, afirma que quando os cristãos tomam o pão e bebem o cálice em memória do Senhor, anunciam a sua morte até que venha: “De facto, sempre que comeis este pão e bebeis esta taça, anunciais a morte Senhor, até que volte”. (1 Cor 11,26).

Portanto, o anúncio do Evangelho diz respeito ao acontecimento da salvação que se realiza por meio da morte de Jesus Cristo. Na força do seu acto de doação— “o corpo dado por vós” e “o sangue da nova aliança”— Ele liberta os crentes dos seus pecados, arruína a morte. Enfim, Jesus Cristo ressuscita como primícia daqueles que morrem e é garantia do fim da morte; o único inimigo do seu reino será vencido.

4- Como se contrapõe o Anúncio à “Pax Romana”?

O império romano iniciou a sua acção na região da Palestina décadas antes de Jesus¹⁵². Invadiu a região e queimou as aldeias e as cidades, tornando escravos os sadios e eliminando os incapazes. A estratégia romana nem sempre era a de manter um governo directo sobre as regiões conquistadas. Naquela época os comandantes militares iniciaram o processo comum de sustentar em regiões conquistadas reis clientes retirados da própria população local. Os romanos não tinham pudor em afirmar a sua superioridade de forma pretensiosa diante de outros povos e desprezar as outras culturas, incluindo os gregos. Cícero e Lívio, por exemplo, grandes oradores romanos,

¹⁵¹ Cf. *Ibidem*, 234

¹⁵² F. AQUINO, “Império Romano, Movimentos de Protesto e Jesus. Uma Abordagem relacional segundo Richard Horsley”, *Oracula*, 3.5, (2007), 2-7.

consideravam os judeus escravos por natureza¹⁵³. Para eles, era motivo de orgulho sujeitar os outros povos.

Alguns engrandeciam o império dizendo que as suas fronteiras alcançaram os limites da terra. O controlo dos povos considerados menos civilizados era mantido pela violência. Jesus foi levado à morte por execução na cruz, pela força de ocupação romana. A sua morte significava a paz para o império. No mundo romano, a crucificação era plenamente coroada de significado político. Elliot¹⁵⁴ afirma que, forma de punição capital de crimes graves, a crucificação era a “pena romana suprema”, mas quase sempre infligida às classes inferiores. A cruz era uma forma de tortura e humilhação, a punição típica para escravos e provincianos rebeldes, como instrumento de dissuasão. As vítimas não eram enterradas, sendo deixadas simplesmente nas cruzes como alimento para animais selvagens e aves de rapina.

O conceito de paz para os romanos era solidificado pelas vitórias. O aspecto militar estava em primeiro lugar. É uma paz querida politicamente pelo imperador e pelos seus funcionários mais altos, estabelecida e garantida militarmente pela intervenção das legiões. Os romanos glorificavam a conquista e a vitória. Criavam desfiles grandiosos para expor o seu poderio militar, bem como para humilhar os conquistados e mostrar os seus despojos. A glória da vitória era o horror dos vencidos. Na verdade, toda a tradição e modo de ser dos romanos consistiam em manter a sua segurança em primeiro lugar. Para isso, conquistavam com poder e exigiam lealdade, submissão e respeito¹⁵⁵.

Forçar os povos conquistados a reverenciar e adorar os estandartes do exército militar também era uma outra forma de humilhação. Os imperadores e os comandantes militares cresceram em arrogância e fortuna à custa das regiões conquistadas. Outros chefes, por vezes, destinados por eles, também seguiam o mesmo exemplo de corrupção e ganância, mantida basicamente à

¹⁵³ R. HORSLEY, *Jesus e o império: o reino de Deus e a nova desordem mundial*, Paulus, São Paulo, 2004, 21.

¹⁵⁴ N. ELLIOT, *Libertando Paulo: a justiça de Deus e a política do apóstolo*, Paulus, São Paulo, 1998, 169.

¹⁵⁵ K. WENGST, *Pax romana: pretensão e realidade: experiências e percepções em Jesus e no cristianismo primitivo*, Edições Paulinas, São Paulo, 1991, 55.

custa da população camponesa espoliada através de impostos e outros tributos. Também a concepção romana da guerra revela o quadro nefasto criado pela sua política imperial¹⁵⁶.

O culto ao imperador é que mantinha a unidade do império. Outros factores importantes para a manutenção da unidade do povo sujeito a Roma eram os festivais cíclicos, os rituais comunitários, a persistência das imagens talhadas em mármore, as orações e o sacerdócio dos templos imperiais¹⁵⁷. O culto imperial oferecia aos pobres benefícios como teatro, jogos de gladiadores, comidas e bebidas sacrificadas aos ídolos, além de propiciar, ao mesmo tempo, a ambição das elites. A arqueologia tem descoberto vestígios do culto imperial nas cidades visitadas por Paulo; portanto, tal prática era comum e admirada na sua época. A figura do imperador ficava incrustada na mentalidade dos súbditos do império. Conta-se da existência de vinte e cinco a cinquenta mil retratos de Augusto espalhados pelo império, fora os retratos dos seus descendentes: Tibério, Calígula, Cláudio e Nero.

A idade dourada de Roma havia trazido paz e segurança, mas Paulo¹⁵⁸ diz que tudo isto não passava de ilusão, revelando uma forte oposição à teologia imperial. Afirmava que Jesus é o Senhor (*kyriós*) e não o imperador. Paz e segurança eram o que Roma prometia e dava às províncias conquistadas, porém Paulo chacoteava e previa a queda da dinastia imperial.

O governo romano saqueava e explorava de forma contínua. Formas de banditismo social emergem quando os camponeses são explorados, o que ocorria de forma desregrada durante o domínio romano. Horsley¹⁵⁹ relê as propostas de Jesus como uma afirmação do Reino de Deus, no contexto da necessidade do julgamento dos governantes, da renovação de Israel e da regeneração profética do povo.

¹⁵⁶ AQUINO, op. cit., 8.

¹⁵⁷ WENGST, op. cit., 56-58.

¹⁵⁸ O tempo de Paulo coincide com o poder do imperador Nero, por quem foi mandado prender e eventualmente matar. Nero, muito jovem, ascendeu criminosamente ao poder em 54, graças ao estratagema de sua mãe Agripina, esposa de Cláudio, e que fora a principal articuladora do assassinato do imperador e da preparação da aclamação do jovem Nero. Mas desde o início do governo de Nero, Séneca ajudou o Imperador a ocultar os seus vícios e maldades.

¹⁵⁹ HORSLEY, op. cit., 8.

Com o poder concentrado nas suas mãos, o Imperador em Roma adequa a cidade à sua nova condição de Estado mundial. O grande processo de urbanização em todo o Império foi a forma mais adequada à instalação das estruturas de dominação. Roma instaurou a ideologia de que, com a sua dominação, surge uma idade áurea de paz e segurança. Em todas as áreas conquistadas fixava-se uma cláusula de paz e segurança para justificar a perda de autonomia do povo conquistado e compensar os terrores iniciais da dominação. Através dessa ideologia, o poder romano garantia um grau elevado de exploração que se dispunha a manter¹⁶⁰.

Paulo repudia duramente essa mensagem de “paz e segurança”, propaganda ideológica do Império, situando-a do lado das trevas, símbolo do mal e da morte. Para Paulo, os discípulos e discipulas de Jesus não podem pactuar com a ideologia das trevas, pois são filhos e filhas da “luz”. Como tal, têm de estar “acordados e sóbrios”, isto é, com consciência clara para discernir sobre o que está a acontecer no cenário político e social do contexto presente, e optarem pela fidelidade ao compromisso com a causa da vida.

A motivação para resistir à falsa paz do império, segundo Paulo, não poderia ser outra senão o próprio Jesus, “nosso *Kyrios*”, isto é, “Senhor” dos que, tal como o Apóstolo, seguem Jesus, o único que nos dá paz e segurança, estejamos nós “acordados ou dormindo”. Temos aqui uma contraposição ao *kyrios* do mundo: Augusto. Além da fé exclusivamente no Senhor Jesus, em oposição à fé no senhor da terra, Paulo sugere a vida comunitária como uma excelente forma de resistência ao poder do Império: consolem-se mutuamente e ajudem-se uns aos outros¹⁶¹.

Segundo Paulo, as orientações práticas para a vida comunitária conduzem na direção dos fundamentos da construção da verdadeira paz. Tais fundamentos reflectem-se na prática de Jesus. Num tempo em que Roma reconhecia oficialmente o direito dos judeus— único no império— de honrar César com preces ao seu próprio Deus solitário em seu favor, Paulo defende firmemente que as comunidades devem resistir àqueles que, provavelmente

¹⁶⁰ ELLIOTT, op. cit., 243-244.

¹⁶¹ WENGST, op. cit., 56-58.

gentios convertidos ao cristianismo, advogavam a camuflagem protectora de um modo judaizante de vida. Rompendo com a ideologia do Império, cujo grande sonho consiste em dominar os outros como senhor de muitos servos, e cujo fundamento está sintetizado na práxis da violência disfarçada de paz, a proposta de Paulo consiste numa contra-ideologia dominante, que defende concretamente o esvaziar-se de si mesmo, assumindo a condição do serviço solidário, segundo o paradigma de Jesus que assumiu a condição de servo¹⁶².

Através do serviço solidário, em que todos são iguais no serviço, seja qual for o seu tipo, as comunidades cristãs são chamadas a dar um exemplo excelente. Nessa linha de reflexão, por meio da metáfora do corpo aplicada à vida comunitária, Paulo sugere que é possível manter a unidade, isto é, a paz entre as pessoas, desde que cada qual se disponha a servir, na diversidade dos serviços prestados para o bem comum. Nisso está o alicerce da verdadeira paz social, a única coisa capaz de construir a justiça social tão sonhada pelos profetas de Israel. A paz comunitária, segundo o paradigma cristão, tem, portanto, os seus fundamentos na solidariedade por meio do serviço (1 Cor 12, 12-31).

Paulo vai proclamar que a ressurreição é um processo presente, iniciado quando Deus ressuscitou Jesus. A ressurreição de Cristo assume uma dimensão escatológica. Deus já começou a transformar o mundo em lugar de justiça e os frutos deste processo transformador podem ser vistos no cristianismo anunciado por Paulo, através da cooperação e da participação dos cristãos.

Horsley¹⁶³ é peremptório ao afirmar que o “cristianismo começou como um movimento anti-imperial” e, conseqüentemente, a violência militar romana foi um dos factores responsáveis por estabelecer as condições materiais, políticas e culturais em que se originou o movimento cristão.

O projeto de Roma era estabelecer a chamada *Pax Romana* e assim decidir sobre o ser ou não-ser das populações conquistadas¹⁶⁴. Mas Jesus de Nazaré também tinha um projecto: o seu projecto estava baseado na

¹⁶² ELLIOTT, op. cit., 243-244.

¹⁶³ HORSLEY, op. cit., 9

¹⁶⁴ WENGST, op. cit., 56-58.

construção do ser da comunidade e dos seus membros através da inclusão. O conceito de paz em Cristo surge, na verdade, como a mais radical denúncia político-institucional de que a *pax* do império Romano deve ser completamente rejeitada. Poderíamos, de certa forma, interpretar as palavras de Jesus da seguinte maneira: “Dou-vos a minha paz, mas não a vou dar como o império”. Só a partir da cruz podemos entender a paz de Jesus como a oposição política, estrutural, em relação às lógicas do poder e da economia e que foi marcadamente continuada por S. Paulo.

5- As implicações do anúncio na Comunidade

O diálogo de Paulo com as comunidades demonstra uma grande versatilidade conceptual que está assente no seu pensamento teológico¹⁶⁵. Fruto de experiências diversas, Paulo elaborou o seu esquema teológico como uma nova realidade retirada do Evangelho para iluminar e resolver os problemas concretos das comunidades. Paulo é o teólogo que pensa e vive a experiência do Evangelho; o seu tema fundamental é a nova vocação do homem à luz do Evangelho, num aspecto duplo de eleição de Deus, vida de fé, amor e esperança. O objectivo desse Evangelho vivido ocupa o centro do seu interesse.

Paulo não se interessa directamente pela história profana e sagrada desde a criação até ao fim do mundo. Paulo descreve a esperança como uma atitude básica da comunidade eleita que aguarda o momento de estar de forma definitiva com o Senhor¹⁶⁶.

A experiência do Evangelho como aproximação de Deus aos seus inimigos através de Jesus Cristo é predominante. Graças ao Evangelho, Deus não abandona a humanidade a uma morte certa e iminente, mas intervém de forma criativa na história transformando-a para a vida eterna. O Evangelho supõe assim uma intervenção interpretativa do mundo e da história, uma vez

¹⁶⁵ J. BECKER, *Pablo, el apóstol de los paganos*, Ed. Sígueme, Salamanca, 1996, 442.

¹⁶⁶ BECKER, *op. cit.*, 446.

que proclama que chegou a hora e que tudo o que existe tem um determinado valor.

Paulo interpreta o seu programa teológico a partir da experiência do Evangelho. O seu conteúdo será a medida e o critério para tudo; tudo o que se relacionar com a ganância não tem sentido, só o verdadeiro conhecimento de Jesus Cristo. Paulo indica um discurso interior da Fé e aponta para uma nova interpretação do Evangelho, abordando novos objectivos e uma nova visão e uma nova luz de Cristo: “Porque Deus disse que na escuridão brilha a luz, a luz brilhou em nossos corações, para irradiar o conhecimento da glória de Deus reflectida no rosto de Cristo” (2 Cor 4, 6).

O Evangelho é dirigido ao indivíduo e a Fé é a resposta. Se era pecador, tornar-se-á uma pessoa justa. Paulo não considera como grande objectivo da sua missão os baptismos colectivos. Entre um casal pode existir uma pessoa cristã e outra não cristã (1 Cor 7, 12-16). O apóstolo espera que um convença o outro com base na paciência e que os cônjuges confessem Cristo, mas o Evangelho implica a decisão individual que levará ao baptismo. Paulo, para além de reunir discípulos, funda missões com este objectivo. Não ensinou nem uma filosofia de vida nem uma forma específica de vida, cada um pode ter a sua. O Espírito é concedido individualmente ao cristão, mas existe uma comunhão no Espírito. Paulo fala numa comunhão da Fé que se realiza na comunidade de Deus, numa celebração cultual, na Ceia do Senhor, mas também em todas as outras manifestações da comunidade.

O apóstolo cria uma nova noção de Igreja partindo da comunidade, com uma celebração cultual e uma vida concreta. Paulo não faz qualquer distinção linguística entre a comunidade local e a Igreja universal. Realmente, o que é universal é o amor por Cristo. As comunidades locais não existem separadamente, todas dependem do mesmo Evangelho e do mesmo Espírito. Tão pouco o baptismo é observado como uma prática local, porque este incorpora em Cristo e quem vive em Cristo crê na unidade de todos os cristãos. Sendo assim, Paulo fala numa comunidade supracomunitária¹⁶⁷.

¹⁶⁷ BECKER, op. cit., 501.

Paulo organizou a Igreja em comunidades domésticas criando assim um ambiente assente na casa antiga. Em segundo lugar, promoveu a assembleia cultual como um encontro das comunidades domésticas. Por fim, favoreceu o trato comum como objectivo da colaboração e integração de todos. Para a resolução de conflitos, recorreu à assembleia plenária de toda a comunidade. No plano da Igreja universal, abriu novos horizontes criando um plano de trabalho. As formas institucionais que surgiram após Paulo basearam-se em larga medida naquilo que ele iniciou. Este tinha como principal objectivo não criar algo que fosse permanente em termos de estrutura, mas a sua principal preocupação foi sempre que as comunidades se mantivessem fiéis ao Evangelho.

O percurso de Paulo foi repleto de obstáculos. Começou por ser um judeu fariseu que perseguiu a comunidade cristã. Continua a sua mudança radical adoptando uma mentalidade pagã-cristã. Do ponto de vista da sinagoga, Paulo aparece como um rival perigoso; havendo fortes tensões entre a Lei e o Evangelho, a sinagoga aparece como um anacronismo. Paulo, porém, falou sempre com orgulho da sua procedência do povo eleito. No entanto foi longamente perseguido pelos judeus durante toda a vida, o que o levou a manifestar sempre uma grande preocupação relativamente aos Judeus de Jerusalém.

Desde a época de Tarso, Paulo viveu as tensões sociais entre os povos pagãos e a sinagoga, conheceu os privilégios políticos dos judeus, mas também tomou posições relativamente ao judaísmo.

Paulo, fariseu cumpridor da lei, persegue a comunidade. A sinagoga repreendeu nos cristãos desafiarem a Lei como a autoridade última. Durante a diáspora, Paulo estava justamente preocupado com a competição da missão cristã, que encontrava precisamente seguidores entre os partidários da sinagoga. Por isso temia a deserção de muitos judeus-cristãos que, a partir de uma perspectiva da sinagoga, eram judeus de assimilação que doravante iriam viver como os pagãos. Os apóstolos anónimos itinerantes (referidos em 2 Cor) pertencem a este grupo que incluía também comunidades inteiras (Antioquia, Roma, parte das comunidades helenísticas, etc) em áreas onde Paulo e os

seus seguidores evangelizaram. Os judeus que se diziam cristãos não seguiam a Lei. Havia também muitas comunidades judaico-cristãs que se agregaram a comunidades pagãs-cristãs e que não seguiam a Lei. Os judeus não queriam aceitar esta situação, já que a missão cristã causou a maior onda de deserções do judaísmo que conhecemos na antiguidade. As sinagogas possuíam uma vantagem histórica e meios poderosos contra a minoria cristã, que não tinha poder: tinham sempre vantagem sobre esta, e a biografia de Paulo é um exemplo disso.¹⁶⁸

Os judeus também não tinham uma situação fácil dentro do Império Romano. Eram desprezados pelas suas práticas religiosas. Os gregos e os romanos referiam que os judeus não traziam nenhum valor ao estado, à cultura e à ciência, nem à educação em geral. No âmbito militar, Roma teve diversos conflitos com os judeus por estes terem dado início a diversas lutas e os romanos tiveram de demonstrar o seu poder repressor.

Para os judeus de Damasco, a mudança radical de Paulo foi um choque e teve um grande eco negativo na federação das sinagogas. A primeira viagem missionária de Paulo agudizou este conflito. Conhecem-se os discursos dos missionários contra a atitude obstinada de Israel e também Paulo fala numa obstrução pagã da sua missão e, ao ter impedido essa missão, Israel sofre um castigo divino, porque a missão é a vontade de Deus e quem se opõe a ela tem de esperar pelo juízo de Deus. A crítica cristã ao judaísmo condenou os judeus ao juízo e toma um carácter mais amplo quando o cristianismo se separa do judaísmo. Porém, enquanto o judaísmo perseguiu e expulsou os cristãos e os condenou ao juízo divino, os cristãos deixaram a vingança para Deus e sofreram a perseguição sem responder com as mesmas armas.¹⁶⁹

Nas três exegeses tipológicas e alegóricas (1 Cor 10, 1-21; 2 Cor 3, 7-18), Paulo refere-se, com uma nova perspectiva, à comunidade escatológica cristã, pois o que sucedeu foi para a comunidade aprender. Esta foi fundada pela Lei e pela eleição divina à margem da Lei, ou seja, fora da sinagoga, mas recebeu um legado, a Escritura que agora se entende de forma nova,

¹⁶⁸ BECKER, op. cit.,543.

¹⁶⁹ BECKER, op. cit.,546.

legitimada pelo Espírito. A nova comunidade acaba com o cânone judeu e apresenta-se como a única e legítima herdeira.

Conclusão

Este trabalho foca o conceito da paz como estando no centro da humanidade, pois afinal a paz esteve no íntimo da pregação de Jesus. Ao analisarmos a vida e obra de S. Paulo, reflecti sobre como no anúncio evangélico do Reino de Deus, a paz é uma realidade presente. Consideramos que os objectivos por mim definidos e referidos na introdução deste trabalho foram alcançados nesta viagem de investigação, mas acima de tudo, uma viagem sobre mim próprio.

De maneira implícita, a proclamação da esperança messiânica realiza-se com a chegada do dom da paz. De igual modo, o nascimento e a vida de Jesus estão profundamente relacionados com a paz: «O anjo Gabriel anunciou a Maria: “Não temas, Maria, pois achastes graça diante de Deus. Hás-de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Será grande e vai chamar-se Filho do Altíssimo. O Senhor Deus vai dar-lhe o trono de seu pai David, reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o seu reinado não terá fim.”» (Lc 1, 30-33). É isto que norteia a acção de Paulo e que considero fundamental ter destacado na pesquisa. A primeira carta aos Coríntios escrita em Éfeso realça e descreve o ambiente que se vivia na cidade, em que não havia qualquer unidade. A acção de Paulo passará por restabelecer essa unidade e alertar para os problemas graves que se passavam como a prostituição, o incesto, a imoralidade, as diferenças de classe. Paulo alerta para a necessidade do respeito de normas como forma de restabelecer a ordem e o autentico culto cristão nas assembleias litúrgicas.

O Menino Jesus é o “Cristo Senhor”, aquele que traz a salvação da Deus, ele é a luz para as nações; ele é a glória de Israel. Mas, em que consiste essa paz? Essa paz designa a certeza do cumprimento da salvação divina. O nascimento de Jesus é o cumprimento das promessas messiânicas e a paz é um de seus elementos que se coloca no centro da afirmação de fé de que o menino que nasce é o Messias esperado. Paulo luta por afirmar estes princípios entre as comunidades e transmitir a paz messiânica. O que nos

propõe como ideal de paz não consiste de modo algum em que cada um seja neutro, não tome partido, não escolha, não tenha convicções ou não as mostre. O caminho também não é o sincretismo, segundo o qual se pensa resolver as diferenças misturando todos os credos, mas sim uma paz que se realiza nas nossas diferenças e chama ao seu caminho um diálogo fraterno.

Os artífices da paz são aqueles que ajudam os seus semelhantes a viver em paz e reconciliados com todos, com Deus e com os outros, estabelecendo o bom relacionamento comunitário e a fraternidade, tal como o percurso de S. Paulo nos ensinou. Os artifices da paz somos todos aqueles que lutamos pela tolerância, pela solidariedade, pela justiça e que no nosso quotidiano tentamos ser sempre melhores pessoas, mesmo apesar de nem sempre sermos escutados e de os nossos esforços não serem recompensados de forma imediata.

Esse sentido tem uma profundidade teológica e existencial. Teologicamente, coloca-se na perspectiva da obra de reconciliação de Jesus Cristo, que nos reconcilia com o Pai e instaura a reconciliação entre a humanidade. Por outro lado, a sua importância existencial funda-se no facto de que a paz é vista como algo essencial para a vida social, e não somente para o indivíduo. O ser humano é um ser social, como tal deve relacionar-se em comunhão com os outros. Por isso, Paulo privilegiou tanto a relação com as comunidades e esforçou para que a sua mensagem fosse entendida e aplicada por todos.

As questões particulares tratadas por Paulo derivam de um problema fundamental que afectou todas as épocas da história da Igreja, em particular a sua actividade missionária, e que, hoje, afecta mais do que nunca: o da “distância cultural”, do enraizamento da mensagem messiânica numa cultura diferente daquela em que esta mensagem vivera anteriormente. Trata-se da passagem da cultura do mundo judeu-palestino para a do mundo helenístico, estruturada por dinamismos muito diferentes e que correm o risco, não somente de alterar a mensagem, porém, mais profundamente, de assimilá-la. A cultura helenística, fundamentalmente pagã, só reteria da mensagem evangélica o que estivesse em harmonia com ela e rejeitaria o resto. Esse

fenómeno ocorreu muitas vezes. Diante deste problema, a atitude de Paulo, é ao mesmo tempo firme e flexível; ele insiste vigorosamente no aspecto de ruptura, condenando os comportamentos e as doutrinas inconciliáveis com a mensagem que anuncia. Mas quando tal incompatibilidade não existe, mostra-se receptivo. Porém, teve dificuldades em ser escutado nas comunidades, ora por estas acreditarem em outras religiões, ora por terem práticas de vida que se afastavam dos valores defendidos por Deus.

A maior lição que podemos tirar dos ensinamentos de S. Paulo refere-se ao amor e à caridade e esta foi a maior lição que retirei deste estudo. Paulo é solidário e tolerante para com as pessoas impuras e pecadoras, como Jesus. Estas são convidadas a, alegremente, voltarem para Deus que se volta para elas, o que significa ser libertado das prisões que aprisionam e mantêm a pessoa longe de Deus. Estas prisões referem-se a formas de pensar e agir consigo próprio e com os outros que se traduzem em formas de vida de cativo e longe da felicidade.

Paulo fez o seu trabalho de uma maneira transparente e sincera e não pregou uma doutrina particular, mas sim, o Evangelho de Cristo. Escolhido por Cristo para ser apóstolo colocou-se na posição de servo dos coríntios, por amor de Jesus. É importante observar nas cartas de Paulo a utilização de palavras como “servo”, “submissão” e “sacrifício”. Ele mostra uma atitude de humilde serviço que nós devemos reproduzir. Por causa da sua esperança da ressurreição, Paulo não desanimava quando contemplava a própria morte. Ele mostrou a sua fé nas promessas de Deus, e depositou a sua confiança nas coisas eternas e invisíveis.

A missão dos homens espirituais como S. Paulo, nos tempos modernos, deverá ser a de uma total presença, extra muros, num mundo em edificação e transformação. O dever do homem espiritual é lutar contra todas as sociedades fechadas, pois a tolerância é uma atitude dinâmica.

BIBLIOGRAFIA

1- Fontes

Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica, 5ª edição revista sob a direcção de Herculano Alves, Lisboa/Fátima, 2009.

Novum Testamentum Graece, post Eberhard et Erwin Nestle, editio vicesima septima revisa, Deutsche bibelgesellschaft, 3ª edição, 1995.

A Bíblia de Jerusalém, nova edição revista, Lisboa, 1995.

SCHOKEL, Alonso, L. *A Bíblia do Peregrino*, Trad. de José Bortoni; Ivo Storniolo, São Paulo; Paulus, 2000.

2- Obras e artigos citados

AQUINO, Fernando, “Império Romano, Movimentos de Protesto e Jesus. Uma Abordagem relacional segundo Richard Horsley”, *Oracula*, 3.5 (2007) 2-7.

BARRETT, Charles Lingsley, *A prima lettera al corinti*, studi biblici, ed. D. Bologna, 1979.

BECKER, J., *Pablo, el apostol de los paganos*, Ed. Sigueme, Salamanca, 1996.

BRUNOT, R., *São Paulo e sua mensagem*, Livraria Editora Flamboyant, São Paulo, 2000.

CARVALHO, José, “As comunidades de Paulo”, *Itinerarium*, LV, nº 193 (2009) 35-39.

CERFAUX, Lucien, *Itinerário Espiritual de S. Paulo*, Trad. Padre Artur Lemos de Azevedo, Livraria Sampedro Editora, Lisboa, 1969.

COMBLIN, José, *Pablo Apóstol de Jesu Cristo*, Trad. Juan Padilla Moreno, San Pablo, Madrid, 1996.

COMBLIN, José, *Théologie de la paix: principes*, Editions Universitaires, Paris, 1960.

CROSSAN, John; REED, Jonathan L., *Em Busca de Paulo: Como o Apóstolo de Jesus Opôs o Reino de Deus ao Império Romano*, Paulinas, São Paulo, 2007.

DATTOLI, Michele, *Il Cristo sofferente in Paolo*, Ed. Borla, Roma, 1992.

DINIZ, Gonçalo Teixeira, O Cristo de S. Paulo, *Itinerarium*, LV, nº 193 (2009) 83-104.

ELLIOT, N., *Libertando Paulo: a justiça de Deus e a política do apóstolo*, Paulus, São Paulo, 1998.

FITZMYER, Joseph A., *First Corinthians*, Yale University Press, 2008.

GAMBLE, Harry. Y., *Between Jesus and Paul*, Fortress Press, London, 1983.

HOLMBERG, Bengt, *Paul and Power: The Structure of Authority in the Primitive Church as Reflected in the Pauline Epistles*, Fortress, Filadélfia, 1980.

HOLZNER, Jose, F., *Paulo de Tarso*, trad Maria Henriques Osswald, Aster, Lisboa, 1958.

HORSLEY, Richard, *Jesus e o império: o reino de Deus e a nova desordem mundial*, Paulus, São Paulo, 2004.

HORSLEY, Richard, *Paulo e o Império: Religião e Poder na Sociedade Imperial Romana*, Paulus, São Paulo, 2004.

LOURENÇO, João, “Duas culturas-Uma mesma fé,” *Itinerarium*, LV, (2009) 20-25.

MACDONALD, Margaret Y., *Las Comunidades Paulinas*, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1994.

MURPHY, Jerome, *Paulo: Biografia Crítica*. Edições Loyola, 2000.

MURPHY, Jerome, *St. Paul`s Corinth. Texts and Archaeology*. Wilmington. M. Glazier, 2002.

PASCOÃES, Teixeira de, *São Paulo*, Tavares Martins, Porto, 1934.

RAMOS, Jesus, A., “Paulo de Tarso. Grego e Romano, Judeu e Cristão”, *Humanitas Supplementum*. CECH.FCT (2012) 55-68.

RAMOS, Jesus, A. “Paulo de Tarso. Um itinerário histórico”, *Estudos Teológicos*, Revista do Instituto Superior de Estudos Teológicos, ano 14, Coimbra (2010) 3-25.

RATZINGER, Joseph, *BENTO XVI, Jesus de Nazaré, da Entrada em Jerusalém até a Ressurreição*, Parte II, Principia, Cascais, 2011.

RINALDO, F., *Prima lettera ai Corinti*, Paoline, Milano, 2005.

ROLOFF, J., *Hechos de los Apostoles*, Trad. J. Mateos; Alonso Schokel, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1994.

SANTOS, Cíntia, “A Composição social dos cristãos em 1 Coríntios”. *RJH* IV: 6, (2011) 130-138.

THEISSEN, Gerd, “Estratificación Social de la Comunidad de Corinto. Estudio de Sociología del Cristianismo Primitivo Helenista”, *Estudios de Sociología del Cristianismo Primitivo*, Sígueme, Salamanca, 1985.

VIDAL, Sénen, *El proyecto mesiánico de Pablo*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2005.

WENGST, K., *Pax romana: pretensão e realidade: experiências e percepções em Jesus e no cristianismo primitivo*, Edições Paulinas, São Paulo, 1991.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Católica que me recebeu como aluno.

Uma palavra de simpatia ao meu orientador, Doutor Pe. João Lourenço pela paciência e pela dedicação.

Um agradecimento especial ao Pe. Pedro Miranda por todo o auxílio, apoio e motivação ao longo do meu percurso.

Uma palavra de agradecimento a todos os meus amigos, que sempre me apoiaram e motivaram, deixo também um agradecimento especial à minha querida família, especialmente a minha querida mãe, manos, cunhados e sobrinhos, recordando sempre o meu querido pai e tios.

Agradeço a todos que de qualquer maneira estiveram sempre comigo e me apoiaram, sobretudo com muita oração. Um bem-haja para todos.